

Correio das Artes

ANO
LXXV

Nº
1



Março
R\$ 15,00

Exemplar encartado no jornal A União apenas para assinantes. Nas bancas e representantões.

Suplemento
literário
do Jornal A União
2024

Augusto, 140 anos

'Eu' ganha histórica edição em braile e especialistas avaliam que legado do poeta paraibano segue perene, influente e excelente

VOCÊ, AUTOR PUBLICADO

marketing EPC



Junte-se ao melhor da literatura paraibana.
Publique seu livro na **Editora A União**.

Da avaliação do original, passando pela edição, revisão, diagramação, até finalizar com a impressão, realizamos o trabalho completo de transformação do seu texto em obra e, claro, de você em autor publicado.

Entre em contato e agende uma conversa:
(83) 99363-7083



EDITORA

A UNIÃO

De Augusto a Onilda

Augusto dos Anjos é um gigante. O reconhecimento é de uns tempos para cá, pois ao lançar *Eu*, em 1912, sua poesia foi desdenhada pela crítica da época. As contínuas reavaliações da obra de “O Paraibano do Século 20” mostram que o legado de Augusto segue perene, influente, excelente. É o que pode ser conferido na reportagem de capa desta edição, que revisita essa obra à luz dos 140 anos de nascimento do poeta paraibano a partir de depoimentos novos e exclusivos de especialistas na obra de Augusto dos Anjos.

O aniversário deste ano, entretanto, é especial. Para celebrar a data, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) anunciou uma edição em braile do *Eu*, como parte da política da empresa de democratizar o acesso a uma das obras mais importantes da literatura paraibana. É uma iniciativa histórica, com o que parece ser a

Para celebrar a data, a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC) anunciou uma edição em braile do 'Eu', como parte da política da empresa de democratizar o acesso a uma das obras mais importantes da literatura paraibana. É uma iniciativa histórica, com o que parece ser a primeira edição do livro de Augusto dos Anjos destinado a pessoas com deficiência visual.

primeira edição do livro de Augusto dos Anjos destinado a pessoas com deficiência visual.

Outro marco nesta edição é fruto de uma pesquisa de Jocelino Tomaz de Lima. Ao se deparar com uma entrevista de Onilda Figueiredo no YouTube, ele descobriu que a cantora do rádio, sucesso em todo país nos anos 1950, não nascera em Recife (PE), como muito se apregooou na imprensa da época, mas em João Pessoa (PB).

E descobriu mais: Onilda segue viva, lúcida e cercada de boas memórias em sua casa, em Olinda (PE), para onde o pesquisador se dirigiu em março deste ano, com a finalidade de conversar com ela. O resultado é um resgate importante para a memória musical da Paraíba, e um reconhecimento de uma grande estrela paraibana, egressa da gloriosa era das cantoras do rádio!

índice

12 / música

Primeira cantora paraibana a ter um disco gravado, Onilda Figueiredo fez sucesso com o bolero 'Nunca jamais' e foi eleita, por dois anos, Melhor Cantora pela Rádio Tabajara.

22 / poesia

Tela 'Lavar a Pedra com Sangue', de Maria Queiroga, inspira o poema 'O Sangue e a Pedra', do poeta e estudioso da obra de Ariano Suassuna, Carlos Newton Júnior.

28 / música

Indicado ao Prêmio Jabuti, Bruno Ribeiro, e a professora Mylena Queiroz refletem sobre a explosiva performance do grupo BaianaSystem no Carnaval de Salvador.

30 / artigo

Integrante do famoso grupo de poetas Geração 59, Clemente Rosas discorre, didaticamente, sobre oximoros e metáforas, tropos oratórios que dão brilho a textos literários.

32 / tributo

Em 'Festas Semióticas', nosso colunista Amador Ribeiro Neto se despede do poeta Abraão Vitoriano com análise de sua obra e um belo poema dedicado ao paraibano.

40 / livro

De Portugal, onde está radicado, o escritor Ronaldo Cagiano brinda o 'Correio das Artes' com uma resenha para o romance 'As Viúvas Passam Bem', de Marta Barbosa Stephens.



SECRETARIA DE ESTADO
DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL



Naná Garcez de Castro Dória
Diretora Presidente

William Costa
Diretor de Mídia Impressa

Amanda Mendes Lacerda
Diretora Administrativa,
Financeira e de Pessoas

Rui Leitão
Diretor de Rádio e TV

Correio
das Artes

André Cananéia
Editor do Correio das Artes

Paulo Sérgio
Diagramação

Domingos Sávio
Arte da capa

Tonio
Ilustrações

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

OUVIDORIA: (83) 99143-6762

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

Correio das Artes. Uma publicação da EPC.

Av. Chesf, 451 - CEP 58052-010, Distrito Industrial, João Pessoa, Paraíba.

Único no ser e na arte

Há 140 anos
nascia Augusto
dos Anjos

Alexsandra Tavares Madruga
lekajp@hotmail.com

Uma única obra e inúmeros reflexos na literatura nacional e até mundial. Assim é o livro *Eu*, escrito pelo poeta paraibano Augusto dos Anjos em 1912 e que até hoje repercute nas academias, eventos culturais, sendo respeitado no meio intelectual. Longe de ser uma obra estéril, ela frutificou, com infinitas possibilidades de discussões e a cada aspecto que se analisa pode-se perceber a genialidade de um autor que nasceu há 140 anos (1884-1914), mas cujo legado continua pujante.

Trazendo rupturas de conteúdo e estilo, ele foi criticado e sua arte desdenhada pela crítica despreparada da época. Morreu aos 30 anos sem testemunhar o devido reconhecimento de seu potencial como escritor, consagração que só veio mais tarde. Seria ele um pré-Modernista mal interpretado, que nasceu artisticamente no Simbolismo e trouxe na sua erudição traços de Parnasianismo? Ou foi o criador de um Expressionismo genuíno? Difícil enquadrá-lo em uma das escolas ou movimentos literários porque, para muitos, a obra do poeta do Pau d'Arco é ampla e transcendente.

“É um poeta extraordinário que, surgido dentro do Simbolismo, criou sozinho um Expressionismo *sui generis*”, afirmou o poeta Alexei Bueno. Segundo ele, a poesia moderna (surgida no século 19) - não Modernista que é do século 20, e que no Brasil persiste esta “confusão absurda” -, aparece entre nós com Cruz e Sousa, que foi a primeira influência perceptível na poesia da juventude de Augusto dos Anjos, e depois com ele próprio. Para Alexei, se o paraibano escrevesse em francês ou inglês estaria plenamente consagrado na *Weltliteratur* - conceito desenvolvido por Goethe para denominar os intercâmbios da literatura universal.

“Contra isto há três fatores, ele nasceu num país periférico, escreveu numa língua muito pouco conhecida fora dos povos que a falam, e escreveu poesia, o



ILUSTRAÇÃO: TONIO

Dupla face: na poesia de Augusto dos Anjos, evolução da espécie e evolução espiritual são apresentadas em nítido descompasso

gênero mais resistente às traduções. Felizmente, para nós, brasileiros, esses três fatores não têm nenhuma importância”, comentou.

Em matéria de arte, “o que é pujante uma vez sempre o será”, diz Bueno, ao se referir à força da poética do paraibano, e continua: “Toda obra de arte, quando plenamente realizada, vive num presente ubíquo, que é o tempo da grande arte, das cavernas de Altamira, *Lascaux* e *Chauvet* até o momento em que estas palavras são lidas. Nenhuma obra de arte envelhece, conceito pífio e muito divulgado, a não ser em sua base física, no craquelé da pintura ou na degeneração química da película cinematográfica”.

De acordo com ele, o que envelhece na peça artística é o que nela não se converteu em obra de arte, a escória cronológica e sociológica que não se transformou em arte, pois tudo o que foi feito no passado e que pretensamente “envelheceu” já era ineficaz, obra de arte frustrada, no momento mesmo da sua criação.

“Tudo o que se faz hoje, e que daqui a décadas dirão que ‘envelheceu’, já está, neste exato momento, ‘envelhecido’, ou seja, traz elementos de época não transmutados na obra de arte que aparecerão como ‘envelhecidos’, cristalinamente, dentro de umas tantas décadas, mas que os contemporâneos mais atentos já percebem claramente como tais.”

Não é apenas Bueno que aponta o legado de Augusto dos Anjos como perene e atual. Entre as vozes ouvidas pelo *Correio das Artes* está Milton Marques Júnior, professor da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e pesquisador da obra do paraibano. “Augusto dos Anjos produziu uma das melhores poesias do Brasil e, se fosse mais conhecido no exterior, estaria entre os grandes poetas da humanidade. Não digo isto porque sou brasileiro e paraibano, mas pela qualidade intrínseca da sua poesia. Muitos poetas produzem apenas poemas. Augusto dos Anjos produziu poesia, o que vai além da forma e da habilidade linguística. Vai à essência, ao inefável”, declarou Milton.

Ele acrescentou que, “no Brasil, sem dúvida, Augusto dos Anjos será sempre um poeta pujante, basta que seja estudado com seriedade e seja divulgado nas escolas.”

A afirmação de Milton faz todo sentido ao se observar a trajetória do intelectual paraibano. No início do século 20, esse homem, nascido e criado no Engenho Pau d’Arco, na pequena cidade paraibana de Sapé, adotou em sua



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para Alexei Bueno, Augusto dos Anjos foi um poeta que, surgido dentro do Simbolismo, criou sozinho um Expressionismo *sui generis*



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

No entender de Neide Medeiros, Augusto era bem-humorado e cheio de graça, apesar dos versos taciturnos



FOTO: ARQUIVO PESSOAL

Para Milton Marques, o diferencial da poesia de Augusto vem do tratamento que o poeta dava a conceitos científicos

poesia termos científicos, com aspecto pessimista, sepulcral e até escatológico, se opondo ao lirismo comedido e parnasiano da época. À medida em que os escritos vieram a público, ele foi sendo duramente criticado, chegando a ser chamado de neurastênico e apelidado de “Doutor Tristeza”. No entanto, para alguns estudiosos, está aí um dos grandes diferenciais da sua arte.

“Na minha concepção, o grande diferencial da poesia de Augusto dos Anjos é o tratamento poético que ele dá a conceitos científicos, sobretudo no que diz respeito à Teoria da Evolução das Espécies. Encanta-me como ele conseguiu acompanhar e assimilar conceitos como epigênese, por exemplo, numa época em que a embriologia ainda estava tateando. E não apenas assimilar o conceito, mas transformá-lo em linguagem poética.

Dentro desse aspecto, venho trabalhando num livro sobre o léxico de Augusto dos Anjos, cujo objetivo é não apenas a explicação de um vocábulo específico, como epigênese, *vitelus*, *cítula*, *microzima* ou *âmnio*, mas sobretudo dizer qual o significado deles no poema. Os vermes, por exemplo, são um capítulo à parte, na poesia de Augusto dos Anjos”, salientou Milton Marques.

Ele vê os escritos do paraibano como uma poesia ímpar, evolucionista, com dupla face: a da evolução da espécie e a face da evolução espiritual, apresentadas em nítido descompasso. “O animal evoluiu da ‘monera’ ao ‘filósofo moderno’, passando pelo ‘pólipo’, pelo ‘animal inferior que urra nos bosques’ e pelos ‘macacos catarríneos’, mas não evoluiu espiritualmente, tendo-se tornado um ‘sátiro peralta’, demasiadamente

agarrado à matéria e aos instintos, e ainda explorando o próprio ser humano. Daí, em alguns momentos, o desencanto do eu-lírico, que não deixa, no entanto, de acreditar em uma nova humanidade espiritualizada”, frisou o professor Marques.

Segundo ele, a visão que se tem de Augusto, como o “poeta da morte” é puro estereótipo de quem “o lê apenas na superfície”. Tal pensamento sobre a amplitude e atemporalidade do legado do paraibano também é compartilhado pelo poeta e crítico literário Hildeberto Barbosa Filho. Ele destacou que, como todo grande poeta, a obra de Augusto dos Anjos não tem prazo de validade. “Sempre que se lê os seus poemas, a verdade e a beleza de seus versos vêm à tona, independentemente de época ou lugar. Sua poesia está viva, porque ela é lida pela crítica e pelo povo. Diria mesmo que Augusto é o único poeta vivo da Paraíba, porque poeta vivo é aquele que é lido. Lido, admirado e amado”, enfatizou Hildeberto.

Ele acrescentou que são inúmeros os diferenciais trazidos nos versos desse intelectual sapeense, tanto na forma, na técnica como no conteúdo e no estilo. Para Hildeberto, Augusto é um “poeta único, que não teme o viés do grotesco, sem perder, contudo, a aura do sublime. Sua musicalidade é dissonante, sua forma pouco se ajusta aos limites fechados das escolas literárias. É um solitário precursor da poesia moderna no Brasil.”

Outra estudiosa da obra do paraibano é a professora Neide Medeiros Santos, escritora e, assim como Milton e Hildeberto, membro da Academia Paraibana de Letras (APL), que enfatiza a riqueza de imagens acústicas e visuais dos versos de Augusto. De acordo com ela, a poesia do intelectual traz um conjunto de características que a faz única. “É uma poesia essencialmente musical e rítmica. Imagens visionárias povoam os versos de Augusto. Alexei Bueno, no ensaio *Augusto dos Anjos: Origens de uma Poética*, chama a atenção para o emprego de vocábulos esdrúxulos, metáforas audaciosas, espantosas e exatas”, comentou Neide.

Ela destacou que, apesar de Augusto ter morrido em 1914, “sua poesia é imortaldoura”, uma vez que ensaios e teses sobre o livro *Eu* continuam sendo publicados. O poeta Manuel Bandeira, conforme Neide, costumava dizer que a poesia de Augusto era como “estampidos”. Já o escritor Ferreira Gullar se referia a esses escritos com um “espanto”. “Essas duas qualificações, advindas de dois poetas consagrados, e os estudos e análises dos seus poemas, atestam a sua permanência no cenário literário”, declarou Neide Medeiros.

Um gênio bem-humorado e escandaloso

Para além da importância cultural e vivacidade da obra centenária de Augusto dos Anjos, o *Correio das Artes* também questionou poetas e pesquisadores sobre a figura do homem sapeense que, apesar das críticas, manteve-se firme diante de seus propósitos. Não há vozes discordantes sobre a força da imagem do paraibano no país, tido como um intelectual “escandaloso”. Ao contrário, porém, dos versos taciturnos, ele também era uma pessoa bem-humorada e cheia de graça.

A professora Neide Medeiros Santos frisou que é importante separar o homem Augusto dos Anjos da imagem do poeta. “Augusto dos Anjos era bem-humorado, um professor muito querido dos alunos e um poeta cheio de graça e humor. Quando escrevia poemas para o jornalzinho da Festa das Neves (1908-1910) deixava aflorar esse seu lado jocoso. Acrescente-se os perfis que traçava das moças e rapazes da sociedade da Parahyba (atual João Pessoa)”, declarou a professora Neide.

As informações, citadas por ela, fazem referência ao perfil do intelectual contido no livro do biógrafo Humberto Nóbrega chamado: *Augusto dos Anjos e Sua Época* (2ª ed. rev.ampl.atual, João Pessoa, Editora Universitária - UFPB, 2012). “Esta obra revela o lado humano do poeta, distinto de sua poesia. Participei como colaboradora e pesquisadora deste trabalho de revisão do livro, juntamente com a professora Maria do Socorro Aragão e a arquivista Ana Isabel de Souza Leão Andrade. É uma obra que contém muitas informações sobre a vida de Augusto dos Anjos”, acrescentou Neide.

Ela contou que, para Humberto Nóbrega, Augusto era “o cantor da beleza feminina, a traçar, com a música encantadora de seus versos, o perfil das beldades da terra” (2012:p. 96).”

Ao se referir aos rapazes, porém, o intelectual mudava de tom, identificava-os como “marmanjos” ou “smarts”, que significava almofadinhas. Nesse contexto, a obra de Nóbrega mostra



FOTO: MARCOS RUSSO/ARQUIVO A UNIÃO

Personalidade: Augusto é descrito como “faceto, cheio de verve e malícia, buliçoso, a mexer com um e com outro”

um Augusto “faceto, cheio de verve e malícia, buliçoso, a mexer com um e com outro” (2012: p. 143).

Por sua vez, o poeta Alexei Bueno enfocou que a figura de Augusto é “fortíssima e sempre o será”. “Como muito justamente afirmou Otto Maria Carpeaux, é o poeta mais original da literatura brasileira, e é um poeta de gênio, o que eu chamaria de gênio escandaloso. É preciso acabar com esse hábito de tratar poemas ou quaisquer outras obras de arte como se fossem celulares, eternamente substituídos. Não há ninguém mais importante na poesia ocidental do que Homero, com os seus três mil anos”.

Seguindo a lógica de raciocínio de Bueno, o crítico Hildeberto Barbosa Filho também relaciona a imagem do paraibano aos grandes nomes da literatura mundial. Ele afirma que, assim “como Dante, Camões, Pessoa, Bandeira e tantos outros, poetas maiores, (Augusto) nunca morre. Está sempre vivo.”

Influência para as novas gerações?

A consagração do legado de Augusto dos Anjos, ao longo das décadas, chamou a atenção e ainda atrai os olhares de jovens poetas que se sentem influenciados com a erudição e estilo do poeta do Pau d'Arco. Porém, se para alguns especialistas essa seria uma postura natural, dada às circunstâncias da relevância de Augusto na literatura, para o poeta Alexei Bueno a obra do ilustre sapeense “não inspira ninguém, nem inspirou, e quando inspirou foi um desastre.”

A afirmação, forte, amplia a abordagem do *Correio das Artes*, que não se furta de um bom debate. “Toda a poesia inspirada em Augusto dos Anjos vira pastiche. Há um poema da juventude de Jorge de Lima — extraordinário poeta, aliás — que é um pastiche, na verdade um plágio absurdo de Augusto dos Anjos, e por isso mesmo não funciona”, enfocou Alexei, citando alguns versos do poema de Jorge de Lima chamado 'Meu decassílabo'.

Já Hildeberto Barbosa Filho, ao responder a mesma pergunta, não titubeia: “Sem dúvida inspira, porque a poesia de Augusto é uma poesia fundante, como a de Baudelaire, Drummond, Cabral, todos poetas cuja dicção lírica tende a abrir novos rumos para outros poetas”.

A mesma ideia é compartilhada pela professora Neide Medeiros. De acordo com ela, “podemos dizer que a obra de Augusto dos Anjos é universal, é inspiradora para os poetas à moda antiga e para os jovens. É um poeta consagrado pela crítica e pelo público”. “Sua temática é vasta e alguns poemas se tornaram antológicos, como 'As cismas do destino', 'Os doentes', 'Vandalismo' e 'Versos íntimos'. Este último, talvez, seja o preferido entre todos os outros. A musicalidade dos versos da poesia de Augusto dos Anjos atrai distintos públicos – poetas eruditos e poetas populares”, comentou Neide.

Por sua vez, o professor da UFPB, Milton Marques Júnior, declarou que não tem dados para responder tal



FOTO: ORTILIO ANTÔNIO/ARQUIVO A UNIÃO

Hildeberto Barbosa Filho: “A poesia de Augusto é uma poesia fundante, cuja dicção lírica tende a abrir novos rumos para outros poetas”

indagação, tendo em vista que não é leitor da poesia brasileira contemporânea, um pouco, talvez, da paraibana. Ele comentou que é possível que haja escritor com essa postura, porém, acha “difícil que algum poeta se arrisque a realizar uma poesia inspirada em Augusto dos Anjos.”

“O poeta do Pau d'Arco era um fenômeno, cujo conhecimento abrangia muitas áreas do saber – filosofia, mitologia, história, ciências naturais, religiosidade e, sobretudo, a teoria da evolução da espécie, haurida em *Ernst Haeckel*, mais precisamente, no livro *Os enigmas do universo*, que o grande evolucionista alemão publicou em 1899. E não se tratava de conhecimento superficial. Não sei dizer se Augusto conhecia a língua alemã, mas não era problema para ele, conhecedor do francês, do italiano e do latim. A referida obra de *Haeckel* teve uma tradução para a língua francesa, em 1902, que, suponho, tenha sido a compulsada pelo poeta”, afirmou Milton.

E acrescentou: “Claro, o poeta ainda conhecia literatura profundamente, os segredos da técnica do verso – metro, rima, ritmo – e tinha domínio completo da língua portuguesa. Em suma, ele era um homem de uma cultura sólida e ampla”.

**"A musicalidade
dos versos da
poesia de Augusto
dos Anjos
atrai distintos
públicos – poetas
eruditos e poetas
populares"**

Leitores se renovam

Nessa abordagem, a reportagem não poderia deixar de ouvir iniciantes ou aspirantes na arte da poesia, tanto quem já lançou livro como aquele que ainda não publicou, mas já escreve versos. Um deles é Ádamis Oliveira, 23 anos, de Campina Grande. Formado em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), ele publicou seu primeiro livro de poesias no ano passado, *Teu Nome nas Entrelinhas*.

Segundo Ádamis, da mesma forma que Augusto dos Anjos alcançou a primazia de seus escritos, estando isento de qualquer classificação dentre as escolas literárias, o jovem campinense diz que se esforça no rigor de suas criações, porém, sem ficar preso à qualquer classificação de estilo.

“Em que pese, cronologicamente, bater nas portas do Modernismo, nas salas desta escola não adentrou Augusto. Mesmo inovando com a singularidade dos seus temas e com a autenticidade das suas provocações, Augusto preservou o estilo clássico do Parnasianismo, principalmente no que concerne à tessitura dos cândidos sonetos. Neste aspecto, reside a influência de Augusto no meu amor pela literatura e na confecção da minha poesia. Apesar de escrever também poemas libertos de forma, o livro que publiquei em 2023, na Paraíba - *Teu Nome nas Entrelinhas* -, possui cerca de 137 sonetos, todos eles influenciados pelo rigor, pela atenção e pelo cuidado tão presente contido nos sonetos que fez Augusto”, contou Ádamis.

Já Fábio Prado, 23 anos, ainda não tem obra publicada, mas foi classificado em 1º lugar estadual do Concurso de Cartas do Correio de 2016, e escreve poemas, divulgando-os no Facebook e no Instagram. Fábio nasceu em Veneza, na Itália, mas foi criado em Campina Grande, onde reside. Para ele, a obra do poeta do Pau d’Arco representa um aprofundamento de questões vistas na poética de outros escritores brasileiros. “Para minha carreira, sinto que o autor foi um ponto de virada para a apresentação de uma estética única e para o destaque de que existem poetas talentosos e de grande potência poética no Nordeste”, frisou.

Ele acrescentou que Augusto dos Anjos trouxe à tona uma estética do grotesco, de modo ainda mais incisivo na literatura brasileira. “Sinto que os signos da morte, da vida, do orgânico e do ceticismo contribuíram para minha poesia, que, assim como a dele, se volta para questões de ordem metafísica e ontológica”, destacou Prado.

Outro jovem adepto da poesia, também de 23 anos, é Guilherme Moraes, pessoense, bacharel em Direito pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Ele já teve poemas publicados no *Correio das Artes* e está em processo de escrita de um romance. No caso Guilherme, a obra do intelectual sapeense teve influência no conteúdo e forma como passou a escrever.

“Augusto dos Anjos é um eterno lembrete de que a gramática dos poemas abraça todas as possibilidades, quando usadas a favor da linguagem poética. O poeta pode falar de uma lua, uma flor, mas também de termos que até então eram estritamente científicos. O espanto poético é possível ao ouvir que somos filhos do ‘carbono e do amoníaco’, ou condenados pelos signos do Zodíaco. Augusto me influenciou, então, ao recordar que o poeta pode fugir do banal e da métrica, desde que mantenha com o leitor o acordo de quem quer ser compreendido. Esse acordo entre aqueles que querem acessar mais da condição humana pela poesia”, comentou Guilherme.

"O espanto poético é possível ao ouvir que somos filhos do 'carbono e do amoníaco', ou condenados pelos signos do Zodíaco"



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

A poesia de Ádamis é liberta de formas, da mesma maneira que ele acredita estar isenta de classificação a obra de Augusto dos Anjos



"Os signos da morte, da vida, do orgânico e do ceticismo contribuíram para minha poesia", afirma Fábio



Guilherme: "Augusto é um lembrete de que a gramática dos poemas abraça todas as possibilidades"

Reedições ao longo das décadas

Desde a versão original do livro *Eu* (1912), obra única de Augusto dos Anjos, várias outras vieram ao longo das décadas - ora com acréscimos de poemas, ora com a correção de algumas falhas dos textos que foram aparecendo no decorrer do tempo. Difícil precisar quantas já foram lançadas até agora, considerando também que a obra "augustiana" já foi traduzida para o português (de Portugal), espanhol, italiano, inglês e até russo.

Uma das estudiosas do tema, a escritora, crítica literária e integrante da Academia Paraibana de Letras (APL), professora Ângela Bezerra de Castro, já escreveu vários artigos sobre a vida e obra deste ilustre sapeense, sobretudo no blog Carlos Romero, onde atua como colaboradora. Em um desses registros, ela frisou que já eram mais de 50 edições publicadas.

Entre os destaques estão duas edições históricas da APL. "Uma edição do *Eu* foi publicada com o apoio do Senado Federal e a outra pela Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, ambas prefaciadas por mim", comentou Ângela Bezerra. Segundo ela, a publicação feita pela Biblioteca Mário de Andrade é fac-símile do primeiro livro, custeado e lançado pelo próprio Augusto dos Anjos.

Já a segunda é a mesma obra organizada em 1920 pelo paraibano Orris Soares, conterrâneo e amigo de Augusto dos Anjos, intitulada *EU (Poesias Completas)*. Essa edição trouxe novos poemas do intelectual sapeense e, segundo a professora Ângela, teria despertado o interesse da Livraria Castilho, que em 1928 foi responsável pela terceira edição do *Eu*, recebendo o título: *Eu e Outras Poesias*. Na época, o livro foi um verdadeiro fenômeno, vendendo 5.500 exemplares em menos de dois meses.

Se, no início, a obra vanguardista do poeta paraibano dividia opinião da crítica, que oscilava entre o estranhamento e o repúdio, a professora Ângela contou que a partir da edição da Livraria Castilho perpetuou a satisfação entre os mais diversos leitores. Tal realidade reforçou a genialidade de um artista que, em vida, teve o talento menosprezado por muitos que não alcançaram a força e ineditismo de sua expressão poética.

Na 29ª edição do *Eu*, Antônio

Houaiss e Francisco de Assis Barbosa fizeram a primeira tentativa de corrigir os erros que se acumularam ao longo de décadas de edições da única obra de Augusto. Porém, somente a 30ª edição, com a nota editorial de Houaiss, atingiu, conforme a professora Ângela, a confiabilidade reclamada para o texto poético do paraibano. Ela acrescenta que em 1977, Zeni Campos Reis publicou *Augusto dos Anjos: Poesia e Prosa*, tornando-se fonte de consulta indispensável para pesquisa.

Uma edição mais recente - e, vale ressaltar, é do poeta e editor Alexei Bueno - foi publicada com o título *Augusto dos Anjos: Obra Completa* e se tornou uma das mais bem conceituadas do país. "Em 1994, com a publicação da obra completa organizada por Alexei Bueno, temos um terceiro texto depurado dos antigos e persistentes erros. Esta sequência de trabalhos criou para as próximas edições uma responsabilidade maior em relação à fidedignidade do texto de Augusto", frisou Ângela Bezerra.

Ainda vale ressaltar as publicações *Eu e Outras Poesias* pela Bertrand Brasil, e a edição da Martins Fontes. Com a consagração da obra de Augusto dos Anjos, eleito por votação popular em 2001 o "Paraibano do Século 20" o livro *Eu* teve inúmeras outras edições como a da Livraria São José, Companhia Editora Nacional, José Olympio, Ática, Paz e Terra, Civilização Brasileira, Nova Aguilar, Bertrand Brasil e Martins Fontes.

Entre os vários formatos, há até versões infantis. Um exemplo é a de 2014, intitulada *Vida e Poesia de Augusto dos Anjos: Para Crianças, Jovens e Adultos*. A edição e autoria foi do saudoso Juca Pontes, com produção da MVC Editora.



Estudiosa das reedições do 'Eu', professora Ângela Bezerra aponta que erros foram corrigidos à medida que o livro era reeditado por especialistas



"Em 1994, com a publicação da obra completa organizada por Alexei Bueno, temos um terceiro texto depurado dos antigos erros"

Editora A União anuncia versão em braille de 'Eu'

A editora A União, que integra a Empresa Paraibana de Comunicação (EPC), anunciou novidades envolvendo o livro *Eu*. A ideia é publicar uma nova versão impressa do obra, e outra em braille da obra de Augusto dos Anjos. Além de ser mais uma homenagem ao ilustre poeta paraibano, a iniciativa também busca democratizar o acesso ao livro.

Segundo William Costa, diretor de Mídia Impressa da EPC, a versão em braille dá prosseguimento à política da empresa de transcrever, para esse sistema de escrita, obras fundamentais da literatura paraibana. “Já lançamos em braille o *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, e para esse ano pretendemos lançar o *Eu*”, comentou William.

Ele explicou que essa é uma forma de dotar as instituições que apoiam as pessoas portadoras de deficiência visual, como o Instituto dos Cegos - de João Pessoa e de Campina Grande -, as bibliotecas públicas do estado e a Fundação Desenvolvimento da Criança e do Adolescente (Fundac), para que disponibilizem essa produção a seus públicos.

“É um trabalho que fazemos com muito carinho e atenção. E em 2024, em que se comemora os 140 anos de nascimento de Augusto dos Anjos e os 110 anos de sua morte, a EPC pretende fazer essa homenagem ao poeta, publicando sua obra em braille. Ao mesmo tempo em que valorizamos a literatura paraibana, participamos do esforço do Governo do Estado em incluir mais pessoas nesse universo literário”, completou.

William Costa enfocou que outro propósito é lançar, por meio da coleção *A União*, uma nova edição impressa do *Eu*. “A ideia é colocarmos a obra com um estudo introdutório de um especialista, e também levar esse trabalho às bibliotecas públicas estaduais. Pretendemos fazer com que cada escola pública estadual tenha o exemplar de uma nova edição do *Eu*, para que os professores trabalhem com o livro na sala de aula. Isso pode tornar as novas gerações cada vez mais próximas desse riquíssimo universo poético, um livro que continua com todo vigor do seu potencial literário”, afirmou.

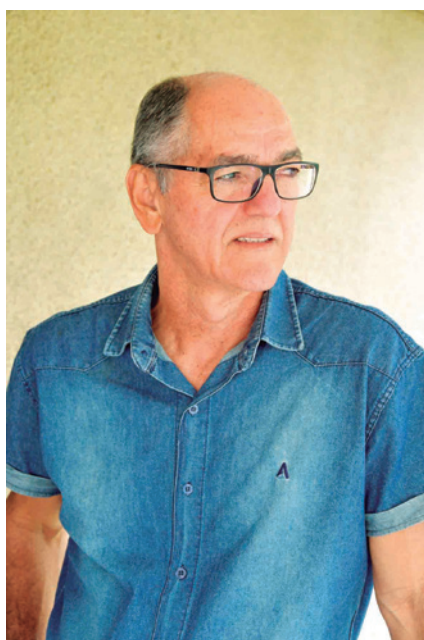


FOTO: EDSON MATOS/ARQUIVO A UNIÃO

William Costa, diretor de Mídia Impressa da EPC: iniciativa busca democratizar ainda mais o acesso ao livro de Augusto dos Anjos

Vida e obra

Sob a sombra do pé de tamarindo, no Engenho Pau D'arco, município de Sapé, o paraibano Augusto de Carvalho Rodrigues dos Anjos costumava exercitar seus dons poéticos iniciados aos sete anos de idade. O menino, filho do bacharel em Direito Alexandre Rodrigues dos Anjos e de Córdula de Carvalho Rodrigues, nasceu no dia 20 de abril de 1884. As primeiras letras foram ensinadas pelo pai e cursou o ensino secundário no Liceu Paraibano, em João Pessoa, onde mais tarde (1908) viria a ser professor.

O primeiro soneto - *Saudade* -, foi escrito no ano de 1900 e um ano depois publicou outro soneto no jornal paraibano *O Comércio* (1900-1907). Em 1903, matriculou-se na Faculdade de Direito de Recife, chegando a formar-se quatro anos depois. Antes, porém, da formatura, em 1905, o pai do poeta morreu e o paraibano publica três sonetos em *O Comércio*. Esses escritos viriam integrar sua única obra, o livro *Eu*, com 58 poemas.

Com o diploma de Direito em mãos, o intelectual paraibano passa a morar na capital, João Pessoa, mas não consegue se estabelecer como advogado, indo ensinar Português. No ano de 1910, Augusto dos Anjos casa-se com Ester Fialho e demite-se do Liceu, indo morar com a esposa no Rio de Janeiro, em busca de melhores oportunidades para consolidar sua poética.

Foram anos de muita dificuldade financeira e, após o nascimento da primeira filha, passa a lecionar Geografia na Escola Normal, indo trabalhar depois no Instituto de Educação, no Ginásio Nacional e no Colégio Pedro I.

Com a ajuda do irmão, custeava a impressão de mil exemplares do seu livro *Eu*, no ano de 1912, obra que não foi bem recebida pela crítica da época. Em 1913, nasce seu segundo filho e no final deste ano a família passa a morar em Leopoldina, Minas Gerais. Lá, Augusto dos Anjos assumiu a direção de um grupo escolar e continuou ministrando aulas particulares. Em 1914, publicou *O lamento das coisas*, na *Gazeta de Leopoldina*.

Em um de seus registros sobre o poeta, a professora Ângela Bezerra de Castro escreveu que o escritor José Oiticica teria classificado o período de Augusto dos Anjos no Rio como de “penúria” e teria dito: “o que mais o amargurava era a

injustiça social em premiar os ruins, dourar as falcatruas, entronar os endinheirados, iludir os honestos, os sonhadores, os retos de entendimento e de coração. Essa revolta íntima o levava a descrever do mundo, a ver em tudo podridão física e moral”.

Nesse processo de desgaste físico e emocional, Augusto dos Anjos não resistiu a uma pneumonia e faleceu em 12 de novembro de 1914, aos 30 anos de idade. “Nunca mais voltou à Paraíba. Nem mesmo os seus restos mortais. E um documento firmado em cartório pelos filhos Guilherme e Glória proíbe que isso possa acontecer”, declarou a professora Ângela, no artigo que escreveu no blog de Carlos Romero.

Memórias na terra natal

Em 2001, o Governo do Estado tombou alguns imóveis que fizeram parte da trajetória da família Rodrigues dos Anjos, no município de Sapé, nas terras onde funcionava o Engenho Pau d’Arco. Isso inclui a casa grande da Usina Santa Helena, a Capela do Bonfim, onde o poeta e seus irmãos foram batizados; o açude que o intelectual chamava de “lago encantado”; o pé de tamarindo, árvore que Augusto dos Anjos costumava se acostar para escrever; e a casa onde residia a ama de leite do poeta. Essa última foi

História

A casa onde residia a ama de leite do intelectual sapeense, Guilhermina, era como se fosse uma segunda propriedade dos Rodrigues dos Anjos. “Apenas nos fins de semana a família Rodrigues dos Anjos deixava a casa grande e ia para a casa que era habitada por Guilhermina. Ela morava no local como cuidadora”, contou Aderaldo.

Vale ressaltar que entre os imóveis tombados, não está a residência oficial da família do intelectual, porque ela já não existe na propriedade, por isso ao sítio histórico foi preservada a casa grande da Usina Santa Helena, que viera após o declínio do Engenho Pau d’Arco.

FOTO: EDSON MATOS/ARQUIVO A UNIÃO



Casa onde morou a ama de leite do poeta foi transformada no Memorial Augusto dos Anjos, em Sapé (PB)

FOTO: ROBERTO GUEDES/ARQUIVO A UNIÃO



Augusto dos Anjos chegou a estudar no Liceu Paraibano, onde, mais tarde viria a ser professor

transformada no Memorial Augusto dos Anjos.

Segundo José Aderaldo Elias, diretor do memorial, a instituição guarda itens como cópias das cartas que Augusto escrevera para sua mãe, dona Córdula (sinhá Mocinha); de documentos pessoais; fotografia do casamento de Glória (filha do intelectual); um caderno de poesia que o poeta presenteou a esposa Ester Fialho e a terceira edição (original) do *Eu*, publicado em 1928.

Aderaldo Elias contou que o memorial está aberto ao público durante a semana, no período da manhã, e também faz agendamento para os fins de semana e o turno da tarde. No ano passado, quase quatro mil pessoas

Depois de passar por restauração por parte do Governo do Estado, o Memorial Augusto dos Anjos foi inaugurado em 11 de maio de 2006, ano também em que a administração foi transferida para a prefeitura de Sapé.

Outras homenagens

Além do conjunto de imóveis históricos, o poeta do Pau d’Arco dá nome a uma praça sapeense situada próximo à igreja matriz, bem como à Câmara de Vereadores do município, à uma casa lotérica e até a um loteamento da cidade. “Também é de praxe se fazer, em abril,

passaram pelo local, que funciona de terça a sexta-feira, das 8h às 12h. No período da tarde e nos fins de semana, a visita precisa ser agendada pelo número (83) 9 8799.6932 (Aderaldo). O contato também está divulgado no instagram; @memorialaugustodosanjos.

O Memorial Augusto dos Anjos é visitado por pessoas de todas as regiões brasileiras e vindas também de países como Portugal, Inglaterra e Chile. Segundo Aderaldo, o acervo principal da instituição foi uma doação de Ricardo Augusto (ou Ricardo dos Anjos), jornalista e escritor, neto de Augusto dos Anjos, que morava no Rio Grande do Sul e faleceu em agosto de 2019.

um concurso de poesias nas escolas públicas de Sapé. Os alunos são convocados a participar desse concurso”, contou Aderaldo.

Há a ideia de transformar essa atividade em um concurso semelhante ao que se realiza na cidade de Leopoldina (MG), onde o poeta morou e está sepultado. Para Aderaldo Elias, o filho da terra é considerado a expressão mais original da poesia brasileira. “Um poeta único, cujo gênero literário até hoje é estudado nas academias de letras do Brasil e até fora do país, porque ainda não conseguiram classificar o gênero literário desse poeta”.

Alexsandra Tavares é jornalista, repórter do Jornal A União e do Correio das Artes. Vive e trabalha em João Pessoa (PB).

A canção de dor de Augusto dos Anjos

Poeta,
 andei com você
 pelas várzeas do engenho.
 Lia o *Eu* como se lesse
 a descoberta de minha vida.

Sei
 que muita cana moeu
 a sua dor.
 Sei
 da tristeza que o povoou
 nas noites insones
 e estreladas.

O finado Toca o esperava
 'a sombra do crepúsculo,
 a grama do rio copulava
 com a luxúria dos charcos,
 as vazantes das margens;
 os morcegos se esticavam
 pelos labirintos dos telhados,
 o eterno rio Paraíba era uma Ilha,
 a Ilha de Cipango.

Vamos, poeta,
 beber uma zinebra
 naquele bar depois da Ponte
 Buarque de Macedo,
 assombrados com o magro
 lirismo da lua, paralelepípedo
 quebrado,
 cismados com o destino,
 certo de que todos somos
 doentes.

Quero fazer de você,
 meu poeta, meu pai
 de verbo e infortúnio,
 a minha pequena canção
 de amor de J. Alfred Prufrock,
 passando pela terra
 desolada,
 num superior abandono.

Poeta,
 beba, comigo, este conhaque,
 e me declame o último soneto.
 Diga a mim que viu,
 como Elias, num carro azul
 de glórias,
 seu pai subindo aos céus,
 e que Jesus Cristo, bêbado,
 perdido, caminhava
 pela Serra da Borborema,
 exatamente como eu,
 que, ainda hoje, bebo
 e me perco no perfume
 de seus versos.

Somos dois exilados!

Você morreu
 em terras serranas,
 com a graça da neblina.

Eu, ainda,
 estou por aqui,
 entre feras e alumbraamentos.

Se quiser ir a Sapé,
 espiar a beleza de Zênia,
 os abacaxis da pequenina vila,
 seu mercado de esoterismos,
 o melhor corruipião,
 abrir a porta indecifrável
 do brejo,
 fale comigo, poeta.

Serei seu guia sob os adágios
 do quarto minguante.

Amei muito por ali,
 entre achados e perdidos.

Suas queixas noturnas
 serão meus passos
 nessa noite andarilha
 e caprichosa.

Risco um fósforo
 para alumiar nossa loucura.

Sei que há remigios
 na flora de seus poemas,
 umidades cintilantes,
 pecados mortais, a melhor
 palavra.

E tudo me parece
 atmosfera de milagre.

Augusto,
 estamos agora no Bar
 do Lipa.
 Enquanto você me fala
 de Comte e do Rig Veda,
 de Darwin e Shopenhauer,
 eu falo de Amália,
 ou de Ismália, a que se atirou
 no mar.

Alphonsus, claro,
 não pode vir. Minas
 é longe, Minas não há mais.
 Cruz e Souza,
 também não.
 Mas, Lúcio se achega
 por aqui,
 com seu verso milimétrico,
 o eco dos búzios,
 o sal dos náufragos.
 Vanildo vem do Cariri
 só para olhar dentro
 de suas imagens mutiladas.
 Assunção o leu melhor
 do que todos nós.
 O poeta Irani,
 seu desespero e seu sertão,
 traz, no matulão da poesia,
 como oferenda para irrigar
 a paleontologia dos carvalhos.

A louca da casa
 se senta conosco,
 o cemitério marinho
 libera seus fantasmas,
 as catedrais se desmoronam,
 a monera faz sua coreografia
 nos espaços,
 as águas lamentam a lágrima
 da energia abandonada,
 nenhuma grade aprisiona
 o abstrato das saudades.

Eu, poeta,
 que farei de mim?
 Que verso ficará comigo,
 quando pararem todos os relógios
 de minha vida?

(Do livro inédito *No Fim de Todas as Coisas*).

arbosa Filho



Hildeberto Barbosa Filho é poeta e crítico literário. Mestre e doutor em Literatura Brasileira, professor titular aposentado da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e membro da Academia Paraibana de Letras (APL). Autor de inúmeras obras no campo da poesia, da crítica, da crônica e do ensaio, dentre as quais se destacam: 'Nem morrer é remédio: Poesia reunida'; 'Arrecifes e lajedos: Breve itinerário da poesia na Paraíba'; 'Literatura: as fontes de prazer'; 'Os livros: a única viagem' e 'Valeu à pena'. Mora em João Pessoa (PB).



Onilda Figueiredo

Cantora foi a primeira paraibana a gravar um disco e fazer sucesso nacional

Jocelino Tomaz de Lima

Especial para o *Correio das Artes*

Quem teria sido a primeira paraibana a ter seu canto registrado em disco? Movido por essa dúvida, chegamos a uma história muito interessante e, infelizmente, praticamente desconhecida em nosso Estado. Nos deparamos com um talento precoce, uma voz reconhecidamente belíssima e que, logo na sua estreia discográfica, foi sucesso nacional. A cantora pioneira paraibana é Onilda Figueiredo, que fez o Brasil cantar, em 1956, uma música chamada 'Nunca jamais' e, perdoe-nos o trocadilho, sua breve e meteórica trajetória musical não deve ser esquecida nunca, jamais! O resgate da sua história e de seu sucesso também vem a ser um reconhecimento em vida, a ela que se encontra com 85 anos de idade, e que merece ser mais conhecida e homenageada.

Um talento precoce

Onilda de Figueiredo Martins nasceu em 10 de junho de 1938 em João Pessoa (PB), filha de Arnaldo Augusto de Figueiredo e Otacilda Macedo de Figueiredo, casal que teve um total de oito filhos.

Segundo o pai dela, que também foi seu primeiro professor de música, aos dois anos de idade Onilda começou a cantar e sua primeira música foi 'Sertaneja', composição de René Bittencourt, sucesso nacional lançado em 1939 na voz de Orlando Silva, o "Cantor das Multidões".

Quando estava com dois ou três anos, seu pai, funcionário público federal, foi transferido para trabalhar em Fortaleza (CE), retornando à Paraíba dois anos depois. Um fato curioso: quando ela tinha três anos, foi acometida de uma pneumonia e, com febre de 40 graus, pedia ao pai que lhe ensinasse a cantar 'Boca de siri', sucesso daquele ano de 1941 na voz da cantora Odete Amaral - a música lhe faria esquecer os tormentos da enfermidade.

De volta a João Pessoa, onde ficou até os oito anos, morando na Rua Treze de Maio, Onilda chegou a frequentar programas infantis da Rádio Tabajara e estudou no Grupo Escolar Epitácio Pessoa.



FOTO: ACERVO JOCELINO TOMAZ

Em 1946, seu pai foi novamente transferido, dessa vez para Recife (PE) e a família passou a residir em Olinda (PE). Onilda fez curso de canto em Recife com Dulce Simões e também estudou piano com Carminha Gouveia. Participou, também, da escola da Profª. Diamantina, cantando e dançando no Bailado das Bonecas, organizado pela escola.

Teve o papel principal na opereta *Branca de Neve e os Sete Anões* apresentada no palco do Teatro Santa Isabel, o principal do Recife. Outro espaço em que Onilda mostrava seu talento era nos eventos do Rotary Clube de Olinda, do qual seu pai fazia parte.

Um episódio, no entanto, foi marcante para seu ingresso na carreira artística: ela cantava apenas para se divertir com as amigas no aniversário de uma delas, filha de Sabino Pinho, dono de uma famosa farmácia da capital pernambucana. A farmácia era patrocinadora de um quadro do programa *Variedades Castelão*, apresentado na Rádio Clube por Fernando Castelão, que se encontrava na festa.

O farmacêutico, então, indicou Onilda, e logo o famoso radialista ficou impressionado com seu talento. Coincidentemente, o programa procurava três vozes infantis, e Onilda foi uma das selecionadas, juntamente com Paulo Molin e Neide Maria, que também vieram a ser cantores de destaque quando adultos.

Assim, em 1949, aos 11 anos de idade, por intermédio do seu pai, ela realizou seu primeiro contrato. Nessa época, ela só cantava no programa de Castelão. Outro destaque infantil da programação dessa época era o Trio Uirapurú.

Já em sua primeira entrevista jornalística, dada ao *Jornal Pequeno*, de Recife, em 1951, com apenas 13 anos de idade, Onilda era chamada de "A voz de ouro" e já dizia naquela época: "Não pretendo nunca abandonar o microfone, pois serei, se Deus quiser, uma grande cantora".

Em 1951, assinou contrato com a Rádio Jornal do Comércio para fazer parte do *cast* da emissora por dois anos. O pai, de início, não queria que Onilda fosse cantora de rádio, mas acabou cedendo. Naquela época, as cantoras de rádio sofriam preconceito da sociedade, que passava a vê-las como "namoradeiras", mulheres "fáceis", como lembra o adágio "Mulher que falava



FOTO: ACERVO ONILDA FIGUEREDO

Aos 11 anos, Onilda fechou seu primeiro contrato artístico com o programa 'Variedades Castelão', da Rádio Clube do Recife (PE)

em rádio se tornava mulher falada".

Porém, posteriormente, seu pai não só aceitou, como passou a administrar sua carreira. Por entender de música, também era diretor artístico da filha, escolhendo boa parte do seu repertório, além de ser também um grande fã, chegando a registrar várias das suas apresentações em gravadores rústicos, depois repassadas para discos gravados sob encomenda.

O sucesso veio rápido. Já nessa época, Onilda tinha cerca de 200 canções em seu repertório. Uma das suas interpretações mais aplaudidas era 'Senora

tentacion', do cantor e compositor mexicano Agustín Lara. Cantava muitas músicas italianas, pois achavam que eram as que mais se adaptavam à voz dela, embora cantasse, também, músicas paraguaias, fados portugueses, boleros, foxes e outros estilos.

Mas seu gênero musical preferido era música clássica. Ela era, muitas vezes, acompanhada pela orquestra regida pelo Maestro Nozinho, outro grande talento paraibano, que trocara a Rádio Tabajara pela Jornal do Comércio em 1946, tendo parte dos músicos da orquestra paraibana o acompanhado, como foi o caso do percussionista José Gomes Filho, que viria a ser mais conhecido como Jackson do Pandeiro, com o qual Onilda teve contato.

"Nildinha", como era carinhosamente chamada, recebia uma enorme quantidade de cartas dos fãs, o que lhe dava grande satisfação e ela fazia questão de responder a todas, chegando a fazer calo no dedo.

**Naquela época,
as cantoras de
rádio sofriam
preconceito
da sociedade,
que passava
a vê-las como
"namoradeiras"**

De volta à Paraíba, sucesso na Rádio Tabajara

Embora o rádio tenha tido sua primeira transmissão no Brasil em 1922, nas comemorações do centenário da Independência, com fala do então presidente, o paraibano Epitácio Pessoa, e execução da ópera *O Guarani*, a primeira emissora, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, só surgiu no ano seguinte, tendo à frente Roquete Pinto. Não esquecendo que essa versão é contestada pelos que defendem o pioneirismo da Rádio Clube de Recife, que teria feito sua primeira transmissão em 1919. Porém, a popularização desse meio de comunicação só veio se dar no final dos anos 1930 e, para a maioria dos analistas, sua Era de Ouro foi, principalmente, nos anos 1950.

Na Paraíba, foi a Rádio Tabajara que vivenciou, de forma mais intensa, essa época, quando teve na sua presidência Antonio Coutinho Lucena (irmão do político paraibano Humberto Lucena). Sendo uma rádio estatal, houve grande incentivo por parte do então governador José Américo de Almeida. Foi também uma retomada dos tempos áureos que a rádio vivera, na primeira metade dos anos 1940. Assim, dentre outras ações, os programas de auditório foram retomados e implementados. Houve uma nova organização da Orquestra Tabajara, retomada das radionovelas e um novo *cast* de cantores(as), tudo tendo como principal referência a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Além das “pratas da casa”, duas contratações se destacaram: o cantor norte-riograndense Costa Leite e, vinda do Recife, a já famosa cantora Onilda Figueiredo.

No que se refere a Onilda, em 1952 seu pai voltou a ser transferido, dessa vez de volta para a terra natal dela, João Pessoa. O contrato de Onilda era para programas semanais às quintas e domingos, às 21h35, como também às segundas, às 21h25 no programa *Constelação*, e outros programas que tinham contrato com o patrocinador, como Turbilhão e Night Clube.

Entre as cantoras dessa “fase de ouro” da rádio paraibana destacamos Mércia Paiva, Célia Maria, Me-



Em 1955, Pascoal Carrilho (D) entrega à Onilda a faixa “A Canção Feito Mulher”, oferecida pela pelo fã clube de Emilinha Borba

FOTOS: ACERVO ONILDA FIGUEIREDO



Registro de um show de Onilda Figueiredo na cidade de Guarabira (PB), em 1957

ves Gama, Ivone Peixoto, Silene Silva, Braulta Cavalcante, Zélia Gonzaga e Marlene Freire. Essa última, tida como a principal voz feminina, veio a se tornar uma rival de Onilda.

Vale ressaltar que a paraibana Marlene Freire teve, também, muito sucesso. Aos 12 anos, já cantava em três idiomas e chegou a se apresentar em grandes casas de shows europeias, como o Olympia, de Paris, cantando em francês, como também excursionou pelos Estados Unidos, Espanha, México, Suíça e Suécia.

Entre os cantores da Tabajara, ressaltamos Jaime Francisco (que imitava o famoso Francisco Alves), Eclipse, Josil Mendonça, Orlando Vasconcelos, Ruy de Assis, Polary Filho, Ruy Be-

zerra e Teones Barbosa, que veio a ser namorado de Onilda. Havia, também, os conjuntos Tabajaras do Ritmo, Trio Jaçanã e Vocalistas Pessoenses.

Esses artistas tinham, no auditório da Rádio Tabajara, seu principal palco em programas de consagrados apresentadores, como Pascoal Carrilho, Jacy Cavalcante, Gilberto Patrício e Geraldo Campos.

Assim como nas grandes rádios nacionais, a Tabajara também tinha sua competição similar a das Rainhas

do Rádio, que nessa época envolviam o Brasil, principalmente nas escolhas das rainhas da Rádio Nacional, a de maior abrangência e sucesso do país.

Assim, entre as nacionalmente eleitas rainhas tivemos Linda e Dircinha Batista (irmãs), Marlene, Dalva de Oliveira, Emilinha Borba e Angela Maria. Nesse contexto, Onilda foi eleita melhor cantora da Tabajara em 1953 e 1954, duas taças que a ela ainda guarda com muito orgulho.

Além do talento musical, Onilda se destacava, também, por sua beleza. Em 1954, após vencer Braulta Cavalcante, o diretor da Tabajara, Antonio Lucena, a indicou para representar a emissora no concurso Rainha dos Cronistas Esportivos. No mesmo certame, teve como concorrentes Selma Ferreira (*O Norte*), Liana Rosa (*Correio da Paraíba*), Vilma Marques (sucursal do *Diário de Pernambuco*), Marlene Peixoto (Repórteres Fotográficos) e Angela Ribeiro (Rádio Arapuan) - poderiam indicar representantes, também, os jornais *O Estado*, *A União* e *Gazeta Desportiva*, porém, provavelmente não o fizeram nesse ano.

Os votos eram vendidos a 50 centavos e a renda, convertido para Associação dos Cronistas e para a construção de cabines de imprensa. Onilda foi a campeã, mesmo seu pai não tendo permitido que ela desfilasse de maiô. Foi também a Rainha de 1955.

Quando vivia em João Pessoa, Onilda participava muito dos festejos de carnaval, principalmente os bailes dos clubes Astrea e Cabo Branco. Devota fervorosa de Nossa Senhora de Fátima, ia a igreja todos os domingos e dias santos, e sempre comungava.

Matéria do *Jornal O Norte*, de 1955, se refere a Onilda como "O maior cartaz do rádio paraibano", afirma que ela interpreta com sentimento um repertório constituído de aproximadamente 250 números dos mais variados ritmos. Cita: "A natureza dotou-a de uma voz belíssima e rara, classificada como contralto profundo, uma vez que sua tessitura parte do abaixo de pauta até o sibemol na terceira linha. Segundo os maestros Bert Rosé e Rino Visani, ela reunia todas as qualidades de uma grande cantora. Não usa gesticulações exageradas, considerado um recurso para cantores de voz pobre, seu forte é a expressão musical através das nuances: crescendo, piano, pianíssimo, forte, fortíssimo, fermatas, etc".

Primeira paraibana a gravar disco

Ante as transferências do trabalho do seu pai, que passou a trabalhar na alfândega do Recife, em 1956, Onilda voltou para Olinda e para o rádio pernambucano.

Uma grande mudança no cenário musical do Nordeste aconteceu nessa época com a fábrica de discos dos irmãos Roseblint, inaugurada no Recife em 1953 por Adolfo Rozenblit e seu irmão, José. Principalmente através do selo musical Mocambo, a fábrica produziu um catálogo bastante expressivo.

Nunca ameaçou a hegemonia das grandes fábricas, mas no auge de sua atuação, entre 1956 e 1959, teve filiais em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, lançou inúmeros discos nacionais, licenciou outras diversas gravações estrangeiras e ainda pôde contar com a direção artística de ninguém menos que Ary Barroso.

Em 1956, Onilda recebeu o convite dos irmãos Roseblint para gravar seu primeiro disco. Assim, o disco de 78 RPM, de nº 15.094 foi lançado em junho daquele ano com dois boleros, na face A, 'Nunca jamais' (versão de Nelson Ferreira para o sucesso do cantor americano Lalo Guerrero), e 'Desespero' (Angelo Levorlino) na face B, que Onilda gravou em espanhol. Esse feito torna Onilda pioneira entre as cantoras paraibanas na gravação de um disco.

Ressaltamos, também, o pioneirismo da forrozeira pernambucana Marinês, primeira mulher a gravar forró em dueto com Luiz Gonzaga, também em 1956 (canção 'Ma né e Zabé') e também a primeira a lançar um disco do gênero em 1957, além de ter sido

a primeira voz feminina a frente de um grupo de forró, ao lado do seu marido Abdias, porém, mesmo naturalizada paraibana, Marinês é natural da cidade de São Vicente Férrer (PE).

Destacamos ainda o pioneirismo da paraibana Méves Gama. Amiga e companheira de trabalho de Onilda em Recife, Méves gravou forró em disco em 1958, a primeira paraibana a fazê-lo, como também foi a pioneira do estado no rock, gravando em 1960.

O pioneirismo de Onilda se repetiu em 1958 ao lançar o LP *A Voz de Onilda Figueiredo*, posto que o disco de 78 RPM trazia apenas uma faixa de cada lado e era o tipo de mídia que existia desde quando se começou a fabricar discos no Brasil, no começo do século 20, já o LP (Long Play), posteriormente apelidados de "Bolachões", eram de material e qualidade superior, com várias faixas de cada lado. Na fase fonográfica de transição, meados dos anos 1950 a meados dos anos 1960, em que circulavam os dois formatos de disco, era comum as gravadoras apostarem em um novo artista lançando disco de 78 RPM e, caso fosse bem sucedido, lançavam seu LP. Assim, após o sucesso do primeiro disco de 78 RPM de Onilda, vieram mais dois em 1957 e um outro no início de 1958, ano em que foi lançado seu LP, "A Voz de Onilda Figueiredo", o primeiro LP de uma paraibana.



'Nunca jamais', um dos boleros de maior sucesso do Brasil

A história do bolero que se tornou um grande sucesso nacional e que o Brasil ouviu primeiro na voz da paraibana Onilda Figueiredo aconteceu quase que por acaso. Conhecido como grande compositor de frevos, o maestro Nelson Ferreira era diretor artístico do selo Mocambo, da gravadora Roseblint. Assim, após a gravadora ter contratado Onilda, ele estava planejando seu lançamento e tinha, até então, apenas um bolero inédito, 'Desespero', como faixa aprovada para seu disco.

A gravadora Mocambo detinha exclusividade em distribuir no Brasil três selos americanos: Decca, Seeco e Mercury. Assim foi, então, que o próprio José Roseblint pediu a Nelson para que fizesse uma versão de um bolero do americano Lalo Guerrero, 'Nunca Jamás', que havia sido lançado pelo selo Seeco em 1954 e começara a ser ouvida no Brasil em espanhol mesmo, interpretada pelo Trio Los Panchos. Nelson, então, o fez de forma despretensiosa, ficando com seguinte letra:

*Nunca, jamais
Pensei em querer-te tanto
Nunca, jamais
Pensei em querer-te assim
Nunca, jamais
Pensei derramar meu pranto,
Por um amor, que nunca teria fim
Sei que te vás, te vás,
Porque já não me queres
Mas, pensa bem...
Porque me matarás
Olha-me, mente-me, beija-me,
Mata-me, se queres
Porém, não me deixes
Não, não me deixes
Nunca, jamais!*

A canção original foi composta e gravada em 1954 pelo "chicano" (americano filho de mexicanos) Lalo Guerrero (1916-2005), tendo sido um dos maiores sucessos em língua espanhola de sua carreira. Ao lado de 'Canción mexicana', foi considerada o hino nacional não-oficial do México.

Ele também tem parte de sua produção em inglês. Lalo escreveu mais de 700 canções e vendeu milhões de discos, em vários estilos, como cha-cha-cha e rock, sendo considerado o pai da "música chicana".

A versão de Nelson Ferreira gravada por Onilda foi uma das músicas mais ou-

vidas do Brasil entre 1956 e 1958. Nesse período, 13 artistas a regravam: Ivon Cury, Angela Maria, Neusa Maria, Zezé Gonzaga, Rosa Pardini, Lucho Gatica, Henrique Simonetti, Gregório Barrios, Poly e seu Conjunto, Leonel Cardoso, Portinho, José Menezes e Pierre Kolmann (pseudônimo do pianista João Leal Brito, o Britinho).

A canção foi um dos destaques da turnê de Angela Maria na Argentina em 1958. Nos anos seguintes tivemos regravações do Trio Irakytan (1970), Núbia Lafaiette (1975), Creusa Cunha (1979), Edith Veiga (1982), Marco Aurélio (1999), Nana Caymmi (2000) e Paulo Diniz (2002). No entanto, nenhuma gravação teve o mesmo êxito que a original, lançada por Onilda.

Os dois maiores sucessos em vendas de discos da história da gravadora Mocambo foram 'Evocação nº 1', frevo de bloco de Nelson Ferreira, com orquestra e coral feminino; e o bolero 'Nunca jamais', na voz de Onilda.



Aponte a câmera de seu smartphone (conectado à internet) para o QR Code ao lado e ouça 'Nunca jamais', presente no LP 'A Voz de Onilda Figueiredo' (acima)



A versão de Nelson Ferreira gravada por Onilda foi uma das músicas mais ouvidas do Brasil entre 1956 e 1958



Onilda em todo o país

Poucas semanas após o lançamento do seu primeiro trabalho, Onilda Figueiredo viu a canção 'Nunca jamais' chegar entre as mais executadas das rádios do país e o seu disco, o mais vendido. A jovem cantora recebeu vários convites para ir para excursionar pelo Rio de Janeiro e outras capitais do Brasil, porém, ante o trabalho do seu pai e o fato de não a autorizar a viajar sozinha, considerando que ela ainda não atingira a maioridade (o que na época só se dava ao 21 anos), assim ela circulou apenas pela região Nordeste.

Um dos programas musicais radiofônicos mais famosos da história do rádio, o *Placar Musical*, apresentado por César Alencar na Rádio Nacional, tendo Onilda no topo das paradas e não conseguindo trazê-la, colocava outras intérpretes. Logo, outros começaram a regravar 'Nunca jamais'. Apareceram também propostas de contratos de grandes gravadores da região Sudeste, mas Onilda preferiu permanecer fiel a Roseblint.

Uma das provas do seu sucesso foi sua conquista do prêmio de Cantora Revelação do Ano de 1956 em uma seleção realizada pelo Clube dos Cronistas do Disco, composto por 48 membros de todo o Brasil elegendo os Melhores do



COM O SUCESSO GARANTIDO. E TUDO

VAI TROCAR O RÁDIO PELO CASAMENTO

★ MAIÓ? "NUNCA; JAMAIS..."

Três a foto de WALDEMAR PAIVA

Às vezes basta um só filme para consagrar um artista. Também um só disco pode trazer a marca do sucesso e da fama. E isso aconteceu com Onilda Figueiredo, cantora com personalidade em versos de "Nunca, jamais". Com essa etíope mágica teve o Brasil a escúla. O Rio procurou a Itália. César de Alencar mandou-lhe o convite para participar no seu programa. Emissores cariocas e fábrica de discos lhe acorraram com tentadores contratos. Todavia, Onilda teve de ficar em Recife. Porque passou a oportunidade com que tantos sonham. E por que? Ela explicou: Não pode transferir-se para o Rio. Meu pai, funcionário público,



Onilda com o troféu de Melhor Cantora da Rádio Tabajara em 1954 (esq.), se apresentando na TV Excelsior (centro) e uma notícia, publicada em 1958, falando que ela iria trocar a carreira pelo casamento (acima)

FOTOS: ARQUIVO ONILDA FIGUEIREDO

Casamento e volta às paradas

Em 1958, quando o LP *A Voz de Onilda Figueiredo* era sucesso em todo país, a cantora anunciou que iria se casar e encerraria sua carreira artística.

Onilda passara a namorar e noivara com o então tenente do Exército, Juarez Farias Martins. Logo, muitos acharam que o encerramento da carreira teria sido devido a proibição imposta pelo futuro marido, mas Onilda sempre desmentiu essa versão e afirma que foi decisão dela, de querer se dedicar ao lar e aos filhos. Assim, em 1959, Onilda Figueiredo se casou.

Porém, em 1960, o seu marido teve que passar um ano realizando um curso militar no Rio de Janeiro. Ao saber que Onilda se encontrava na Cidade Maravilhosa, a gravadora Copacabana a procurou para lançar um novo disco seu e daí resultou o compacto duplo (quatro faixas) *Alma e Coração*, o último da carreira da cantora.

A faixa-título 'Alma e coração' é uma versão de autoria da própria Onilda, a única de sua carreira, de um clássico Italiano 'Anema e core' (Salve D'Esposito e Tito Manlio), regravada em muitas línguas e interpretada nos últimos anos por artistas como Micheal Bublê, Luciano Pavarotti e Andrea Bocelli.

No Brasil, uma das interpretações mais famosas é de Zizi Possi com participação especial de Chico Buarque (Álbum *Passione*, 1998). No entanto, a música de trabalho do disco foi 'Duas cruces', versão de Joluz para a música "Dos xruces" (Carmelo Larren). Essa música, em 1964, foi incluída na coletânea da gravadora Copacabana, *As 14 Maiores em Boleros*, que veio a ser o último registro de Onilda em disco.

Estando no Rio de Janeiro e com um novo trabalho, a conhecida cantora do sucesso 'Nunca jamais' para, como chamavam na época, "catituar" seu disco, fez várias participações em emissoras de TV, como a Tupi, no famoso programa de Silvio Santos, e *Almoço Com as Estrelas*, apresentado pelo casal Airton e Lolita Rodrigues; e a TV Rio, onde participou do já badalado *Programa do Chacrinha*.

No ano seguinte, seu esposo realizou também curso em São Paulo, onde o casal também veio a morar e onde Onilda participou de TVs, como a Excelsior. Nessas incursões televisivas, teve con

Disco daquele ano. O resultado foi publicado na revista *O Cruzeiro* de janeiro de 1957, e em vários jornais. A mesma seleção elegeu como melhor orquestra daquele ano a Orquestra Tabajara, que tinha à frente o maestro pernambucano Severino Araújo.

Em uma outra seleção, realizada pelos cronistas de rádio de São Paulo, Onilda ficou em 2º lugar como Melhor Revelação Feminina de 1956, tendo sido vencedora a cantora Maysa, que também estourou nacionalmente com o LP *Convite para Ouvir Maysa*. Uma das justificativas era a de que por apenas uma faixa de um disco, não era suficiente para julgar suas possibilidades como intérprete, mas a disputa foi acirrada. Maysa também venceria como melhor compositora e melhor letrista. Coincidentemente, a "rival" Maysa seria posteriormente uma das cantoras preferidas de Onilda.

O disco de Onilda também foi o mais vendido da gravadora Rosenblit em 1956, o que fez a empresa investir em mais dois discos de 78 RPM em 1957 e um no início de 1958. No segundo disco, em 1957, a faixa 'Loucura', composição de Nelson Ferreira, também chegou a ser bem executada, mas muito aquém do sucesso de 'Nunca jamais'.

Assim, em 1958, a gravadora reuniu as principais canções gravadas até então e mais inéditas no LP *A Voz de Onilda Figueiredo*, com oito faixas, tendo a frente a regravação de 'Nunca Jamais'. O LP foi também sucesso nacional.

Embora o repertório seja basicamente de boleros, ressaltamos a faixa 'Mãe quero dançar', versão de Eduardo Rodrigo para a canção dos americanos Dick Manning e Al Hoffman. A música é do ritmo calipso, porém é perceptível a sua aproximação do ritmo que poucos anos depois seria sucesso no Brasil, o rock - a faixa, inclusive, é citada no livro *Banho de Lua - Tony e Celly Campello*, de Thiago Menezes, que aborda a trajetória do rock'n roll no Brasil no período de 1955 a 1965.

**Em São Paulo,
Onilda ficou em
2º lugar como
Melhor Revelação
Feminina de
1956, tendo sido
vencedora a
cantora Maysa**

tato com artistas como Nelson Ned, Jerry Adriani, Agostinho dos Santos, Wanderley Cardoso e o Rei Roberto Carlos, que estava iniciando sua carreira.

De volta a Olinda, Onilda se apresentou nas primeiras TVs pernambucanas como a TV Rádio Jornal do Comércio, onde o mesmo Fernando Castelão do início da sua carreira apresentava o programa *Você Faz o Show*.

Com o nascimento da sua primeira filha em 1960, e o falecimento do pai, em 1961, Onilda resolveu abandonar a carreira em definitivo e dedicar-se à vida de esposa e mãe. Ela teve três filhos(as): Teresa Cristina, Silvia Renata e André Luiz.

Embora não tenha mantido uma carreira artística profissional, ela seguiu cantando em casamentos, serestas e chás beneficentes, principalmente em Olinda e Recife. Passou também a participar mais das atividades do Lions Clube de Olinda, da qual ela e o marido, que veio a falecer em 2016, faziam parte.

Onilda tem muito orgulho da sua carreira musical e guarda com carinho as faixas de Miss Tabajara, Princesa do Nordeste, Homenagem à Rainha de 55 e a sua preferida, A Canção Feita Mulher, homenagem que lhe fora prestada pelo fã clube paraibano da cantora Emilinha Borba.

Vale ressaltar que uma rua leva o nome da cantora paraibana no Bairro das Flexeiras, em Goiânia (PE).

Onilda Figueiredo, no alto dos seus 85 anos, segue vivendo na cidade de Olinda, sua terra do coração. Coincidentemente as letras que formam seu nome, Onilda, são as mesmas de Olinda. Seu sobrinho e afilhado Alexandre Lupi se tornou o maior divulgador e preservador do seu legado musical. Além de postar algumas entrevistas suas no YouTube, ele organizou e, juntamente com a família, produziu em 2004 um CD com as canções de Onilda, destinado a familiares, amigos e interessados, principalmente de Olinda e Recife. Em 2 de março deste ano, fui a Olinda para encontrá-la e fiquei admirado com sua memória, além da simpatia e seu belo canto.

Em alguns registros da história do rádio na Paraíba Onilda é citada como uma cantora pernambucana que foi contratada pela Rádio Tabajara, um equívoco que fez com que ela deixasse de ter o devido reconhecimento e homenagens em sua terra natal, erro que visamos corrigir com a divulgação dessa pesquisa, como também passa a cultura paraibana a agregar entre seus valores essa grande artista, que não pode perder seu lugar, “nunca, jamais”.

FOTO: ACERVO JOCELINO TOMAZ



Onilda (sentada) com dois dos seus três filhos, Silvia e André Luiz, e o autor deste texto, Jocelino Tomaz (de camisa branca), na casa da cantora, em Olinda, em 2 de março de 2024

Musicografia

Nunca Jamais (1956 e 1958)
Desespero (1956)
Loucura Passional (1957 e 1958)
Mamãe Quero Dançar (1957 e 1958)
Se Deus assim o quis (1957 e 1958)
Loucura (1957 e 1958)
Melodia de Amor (1958)
O Luar e Você (1958)
A Beira Mar (1958)
Tu em meus Braços (1958)
Duas Cruzes (1960 e 1964)
Alma e Coração (1960)
Quero dançar contigo (1960)
Retrato do Fim (1960)

Embora não tenha mantido uma carreira artística profissional, ela seguiu cantando em casamentos, serestas e chás beneficentes

Jocelino Tomaz de Lima, é pesquisador. Mora e trabalha em Caiçara (PB)

A UNIÃO

Cultura e adultério

Adhailton Lacet Porto

Especial para o *Correio das Artes*

Não canso de afirmar que o universo dos livros é fascinante; autores e autoras, no mais das vezes, são pessoas do bem, solitárias ou não; atormentadas ou não, inquietas e taciturnas ou não; mas, em geral, seres humanos admiráveis em quem você pode confiar o seu mais escabroso segredo que não será revelado, ao menos com seu nome, mas certamente será inspiração para um texto que, com engenho e arte, se transformará num poema ou prosa.

Mas, por trás do livro, além do autor, existe a figura do editor que, com olhar apurado e refinado faro literário, sabe identificar uma verdadeira obra de valor e decidir por sua publicação. Grandes autores do cenário literário mundial foram descobertos por editores que sabiam avaliar os originais que aportavam às suas mãos. Um deles, Max Perkins, chegou a ser biografado por A. Scott Berg e virou filme. Foi Max quem revelou o talentoso Fitzgerald (mas isso é assunto para uma outra crônica).

Aqui no Brasil não se foge à tônica. Temos muitos editores que contribuíram de maneira imensurável para o mercado editorial brasileiro, tanto descobrindo quanto resgatando autores nacionais e estrangeiros. E, como forma de homenagear alguns desses editores, a Universidade de São Paulo, através de sua editora (EDUSP), lançou uma coleção intitulada *Editando o Editor* ou *Editando a Editora*, a depender do gênero. São livros com transcrição de conversas descontraídas com essas pessoas que editam livros. Dessas conversas saem confissões, estratégias utilizadas no ofício de publicar livros; amizades

Maria Amélia Mello, tema do volume 10 da coleção 'Editando a Editora': currículo invejável e histórias hilárias



FOTO: ARQUIVO PESSOAL / MARIA AMÉLIA DE MELLO

construídas na convivência com autores; sucessos e fracassos; histórias cativantes e inspiradoras e, sobretudo, a paixão pelos livros.

O volume 10 dessa coleção traz a editora Maria Amélia Mello (que foi jornalista e até escreveu um livro de contos, *Às Oito, Em Ponto*). De currículo invejável, teve passagem por grandes editoras, a exemplo da José Olympio e Autêntica. Uma das histórias hilárias que ela nos conta resultou na confirmação de um adultério - de maneira até então inédita -, de se descobrir uma traição conjugal.

O fato se deu na época em que Maria Amélia Mello trabalhava no *Centro de Cultura Alternativa*, no Rio de Janeiro. No Centro ficavam arquivados jornais,

revistas e outros periódicos alternativos até então publicados, dentre eles, o icônico tabloide *Pasquim*. Pois bem. A pretexto de fazer uma pesquisa, uma elegante senhora da alta sociedade carioca pediu a coleção do debochado jornal e começou a folhear as várias edições do semanário. Repentinamente, a madame bate com força na mesa e vocifera: "Eu sabia! Eu sabia!" Transformada, ela acabara de ver uma foto do seu marido com outra mulher, num baile de carnaval. Pronto. Estava confirmada a traição.

E foi assim que o *Pasquim*, que sempre foi irreverente e vanguardista, tornou-se, involuntariamente, alcaguete da escapulida de um marido adúltero.

Adhailton Lacet Porto nasceu em João Pessoa (PB), onde mora. É magistrado. Escreve crônicas e contos para o portal MaisPB e Diário de Pernambuco. Integra a União Brasileira de Escritores - UBE-PB e o Clube do Conto da Paraíba. É vice-presidente da Academia Estudantil Cabedelense Infantojuvenil de Letras e Artes (Aecijal-Litorânea). É autor de *Os Ditos do Quiçá* (Arribaçã Editora, 2ª edição, 2022).

IMAGEM: REPRODUÇÃO



Obra: Lavar a Pedra com Sangue
Autora: Maria Queiroga
Técnica: Mista sobre tela
Ano: 2023
Dimensões: 60 x 40 cm

Maria Queiroga nasceu em 1987, no Recife, onde estudou artes plásticas e publicidade. Sua obra vincula-se ao Movimento Armorial, tendo sido influenciada pelas ideias de Ariano Suassuna e pela pintura de Manuel Dantas Suassuna. Desenvolveu técnicas artísticas em São Paulo e depois em Toronto, no Canadá. Voltou a residir no Recife em 2023, e seus quadros são atualmente comercializados pela Arte Plural Galeria.



Newton Júnior

Inspirado na tela 'Lavar a Pedra com Sangue', de Maria Queiroga

O sangue e a pedra

*A partir de uma pintura de
Maria Queiroga*

A pedra sangra, pois o sangue é vida
que em tão rija matéria a forma instila.
Os sinos anunciam, numa vila,
nossa eterna paixão arrefecida.

A mão da artista, firme, mas contida,
impõe esse vermelho que cintila.
E o rubro olhar, luzente, na pupila,
enaltece a beleza, enfim, vencida.

Abaixo, aflora o sumo dessa lida,
domado como a mão domina a argila.
A imagem é o segredo da sibila:
a cobra e o candelabro — morte e vida.

[29-11-2023]

Carlos Newton Júnior nasceu no Recife, em 1966. Poeta, ficcionista e ensaísta, é Professor Titular da Universidade Federal de Pernambuco e estudioso da obra de Ariano Suassuna e do Movimento Armorial. Escreveu mais de dez livros de poesia, sendo os mais recentes *Coração na balança* (2021), *Vontade de beleza* (2022) e *Redenção de agosto* (2023), todos publicados pela editora Nova Fronteira.





FOTOS: PIRAGAY

A sociedade do café

Onde estiverem
dois ou
três reunidos
em Seu nome, lá
Ele estará
no meio de
nós: o Café

Somos um grupo homogêneo, mas o número de nós varia a cada semana. É como uma igreja, erigida em torno do nosso vício comum. Onde estiverem dois ou três reunidos em Seu nome, lá Ele estará no meio de nós: o Café. Geralmente acompanhado de um croissant, um pedaço de bolo e um refrigerante zero. É um ritual quase religioso. Vai chegando a sexta-feira e o burburinho já começa a circular. Ao final do expediente, tão certo quanto o happy hour da firma no bar, lá estaremos nós, no café, batendo o nosso ponto. Hoje tem. Desmarcamos compromissos, abdicamos de feriados, livramos nossa agenda. Sexta-feira é dia santo. Sexta-feira é dia de café.

Começou provavelmente em virtude de outro vício, que ainda pauta grande parte dos assuntos conversados em roda.

Além de viciados em café, somos viciados em cinema, e foi o cheirinho da pipoca que definiu inclusive o nosso ponto de encontro: um café que era quase uma bomboniere, no andar de baixo do multiplex.

Na mesa mais discreta, de canto, onde víamos (e julgávamos) as pessoas pegando as escadas rolantes para ver os filmes a que logo mais assistiríamos. Um dia, sem aparente razão, o que era a prévia de um hábito virou o hábito em si. Já não nos reuníamos mais para ver os filmes. Nos reuníamos para nos encontrar, a pretexto de falar sobre eles.

O grupo foi se avolumando. O que eram dois ou três viraram três ou quatro. Uma namorada ou um amigo que estava de passagem, e que ia se agregando ao núcleo dos que, por costume, estavam sempre por ali. Nos juntamos aos aposentados, aos solitários, aos músicos que escolhiam o café para passar o chapéu e ganhar algum trocado por fora. Acabamos ficando conhecidos, entre os baristas e os garçons do lugar.

Um dia o café sumiu, e por algumas semanas vivemos a orfandade de não ter mais uma sede. Peregrinamos pelo centro de compras, buscando um outro café que preenchesse todos os nossos requisitos: a proximidade do cinema; as mesas largas e as cadeiras confortáveis; a conta fechada ao final, nunca antes da tarde de conversas; o cardápio mais ou menos parecido com o outro, na mesma faixa de preço.

Vagamos desamparados por algumas semanas. Descobrimos outras hordas de órfãos, e começamos a observar os seus hábitos. Aglomeravam-se em torno de outro café, antes despercebido, com baristas e garçonetes egressas do café antigo, o que nos deixara tantas saudades. Voltamos a nos fixar por ali. Estranhávamos o novo posto, mas logo já estávamos de novo aclimatados, apegados aos detalhes pitorescos do lugar onde sempre faltava uma coisa ou outra. Nunca o aconchego do café, seu sabor de abraço, o ronco da máquina que lembra uma tarde preguiçosa debaixo das cobertas mesmo neste calorão, graças ao ar-condicionado.

Quando perdemos o nosso café, descobrimos, exultantes, que não importava o lugar: como o sertão, o café está dentro de nós. É o nosso sem lugar, nesse nosso mundão de ausências. Agora, quando a gastrite dos anos começa a corroer as minhas lembranças e já venho optando pelo descafeinado, percebo que já se vão mais de dez anos dessa nossa tradição secreta: comemoramos sucessos e fracassos naquela mesa; casamentos se fizeram e se desfizeram ao redor dela; filhos nasceram e cresceram, e hoje nos acompanham em nossas reuniões semanais.

O café é a nossa família. Nossa sessão de terapia, nosso porto seguro. Não podemos contrair dívidas: os nossos credores poderiam nos encontrar muito facilmente por ali. E o mais provável era que se sentassem e perdoassem a dívida, porque quem se senta no nosso café sempre tem a tentação de voltar, e se integrar ao grupo. Alguns têm a turma do futebol, do carreado, da cachaça. Nós temos nossa sociedade do café.

Quando um de nós der baixa, é provavelmente assim que gostaria de ser lembrado: um café com seu nome no cardápio, quem sabe uma mesa eternamente reservada, e amigos se confraternizando e brindando as xícaras em volta em sua homenagem.



**Um dia o café
sumiu, e por
algumas semanas
vivemos a
orfandade de não
ter mais uma
sede**

Tiago Germano é autor do romance 'O Que Pesa no Norte' (Moinhos, 2023) e foi indicado ao Jabuti pelas crônicas de 'Demônios Domésticos' (Le Chien, 2017). É professor de Escrita Criativa e cofundador da editora independente Matria. Mora em João Pessoa (PB).

certeza

em tudo a vida se faz certa.
a larva come o casulo e vira ar,
o sol rodopia em sua prisão,
os primos crescem os ossos,
eu derramo sangue na mente,
tudo sob a certeza da vida.

de tanta direita, o calendário cheio
e eu, tão esquerdo, tão vazio
fiz esquemas no signo dúbio
enquanto a lua manchada e igualmente dolorida
olhou os quatro olhos maculados
e desferiu silêncio sobre a noite.

o navio fantasma volta com os doentes
na mesma rota do erro e do sol prisioneiro.
no interior do coração, a dúvida pausa
e me pergunto o quanto de aurora ainda há no que faço
e me respondo que não há nada além de amor.

volto para minha casa certa e meu coração errado
na proporção dos outros olhos rapidamente encontrados na noite
e a língua na indefinição das desculpas ou na busca da caverna onde me fiz primitivo até nos desejos.

mas o dedo anelar, agora nu, toca o casulo,
matéria do que restou do ar,
os ossos crescem assim como as lágrimas,
eu me acomodo em meu desvio.
parece que a vida está certa.

à procura da poesia

uma notificação de um poema na tela
com as memórias velozes do que virá.
ora amor quase correspondido,
ora falta dos próprios textos,
seu texto nos olhos.
o suor, a doença
o sorriso, o disfarce
de quando os sonhos se esconderam no porão
e a face era só uma face
sem o que será nem o que foi.
onde foi parar a lágrima tinta
que eu insisto em chamar de poesia?

**reprimenda**

de não falar o que me coube
de estar onde não pertencço
de crescer até os 22
de ver nuvens como animais
de não ser livre de ser torto
de vir jorrado em sangue sujo
de ter aberto o véu da mãe

da figura não materna
do óvulo infecundo
do esperma com retrogosto
da azeda célula deles

do verso bambo
da atômica bomba
da composição
da onipresença
do monstro em nós
da faísca
da partida
do verbo
do ômega
do alfa
de mim

do fado ao fato

por tempos me perguntei se os dados eram viciados.
os dados não são viciados, não há sortilégios,
muito menos anjos nos bolsos.

o que há aqui é um quadro estático
em meio a uma correnteza formada na chuva,
essa mesma que assusta os moradores e esvai
fugaz como o último beijo.

sem passos porque tudo que a gravidade puxa
se faz repelir pela repetição
de algo imanente e obscuro no peito.

e então você me pergunta o que há entre nós além do silêncio
e à mente vem o intervalo entre o bater de asas,
a mesma densidade com que a vida acontece
e nada se explica.

Prado

a fúria no escuro

sempre aqui, à espreita,
no arranha-céu da alma,
a palavra desponta,
essa besta em mim.

é ela mesmo a fera
ou seria esse ímpeto
ambíguo quando dói
e recorro ao vômito?

perfuro as artérias
cristalinas no ser
sem ter mais do que tinta
e perguntas constantes.

prostrados no escuro,
dedos dançam com lágrimas,
fincando o que resta
do verbo na ausência.

por isso o que digo
nunca será ofício:
é punição liberta,
é liberdade presa.

escrevo porque sinto
a minha falha no excesso,
a fragilidade no verso,
o pulso arisco no peito.

escrevo porque sou
mistério na rotina,
meu próprio desencontro no que faço
e humano no pior sentido possível.



Fábio Prado nasceu em Veneza (Itália), porém foi morar em Campina Grande (PB) ainda criança. Nascido em 2000, dedica sua vida à arte da palavra, tendo realizado a graduação em Letras - Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande e, atualmente, cursa o Mestrado em Linguística na Universidade Estadual de Campinas (SP).



Subir sambando na corda da vida

- O navio do BaianaSystem

(Ao vivo em Salvador)

Bruno Ribeiro e Mylena Queiroz
Especial para o *Correio das Artes*

“... Existe um povo que a bandeira empresta
P’ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa...”

[O Navio Negroiro, Castro Alves]

“Quem vigia compra trevo, escapulário/ Bota seu cordão de alho/ E segue firme pra batalha”, canta Russo Passapusso, vocalista do grupo BaianaSystem, para uma multidão histórica. A música ‘Duas cidades’, assim como ‘Lucro’ e ‘Sulamericano’, entre outras, estremeceram Salvador no dia 12 de fevereiro de 2024. Um acontecimento na forma de um navio pirata preto com um *sound system* azulado e uma bandeira-máscara na frente, a passar pelo mar de gente no Carnaval de Salvador.

Em movimento, víamos o trio elétrico do BaianaSystem, em seu décimo ano no evento, que marca a passagem no circuito Osmar, Campo Grande, acompanhado por uma das maiores pipocas que o carnaval de rua já viu. Também passaram pelo circuito outros trios, como Psirico, Léo Santana, Timbalada, La Furia e outros que movimentam essa cultura de levar os foliões que não compraram abadás de blocos ou ingressos para os camarotes.

Pedaços da multidão naquele trio sem corda. Um corpo coletivo. Acompanhamos o Navio, imersos, compondo a multidão que pulava. Nem sempre em sincronia, pois a arte está na mistura dos alquimistas, a qual, em BaianaSystem, une dub, reggae, ragga, samba-reggae, música popular, e por aí vai, sem limitações – como o navio-pirata-trio –, aceitando o híbrido e o mutante do material artístico: indomável.

“Nas veias abertas da América Latina”, gritávamos “justiça é cega”, víamos pais com crianças, playboys com dreads, trabalhadores, gente com três engradados de cerveja e quatro sacos de gelo berrando “olha o gelo”, galera com cara de foragidos de Olinda, gente cria de Salvador, do interior, preto, branco, turistas, alguns gringos, uma zoadá que mais parecia que estávamos à beira da extinção ou da salvação. Mirar o navio pirata rasgando a multidão diversa, um corte cirúrgico em um coração prestes a enfartar, soa como uma distopia ou uma utopia se concretizando. Um navio gigante e afro-futurista no meio duma Bahia já versada como dessemelhante.

Cânticos de umbanda ecoaram, surgindo para acalmar os ânimos, e então seguimos a carne um do outro como cordas interligadas pela cerveja. Quase quatro horas de percurso, de saltos, gritos e alegrias. O rapper baiano Vandal, um dos convidados especiais deste aglomerado, ao lado de Larissa Luz, Margareth Menezes, Melly e Sued Nunes, mobiliza a gente com ‘BALLAH IH FOGO’. Sonzera. Emoção. Ainda mais quando cantamos a sua música vendo a famigerada fileira de policiais militares



Projeto Navio Pirata do BaianaSystem, que ganhou as ruas de Salvador (BA) no carnaval deste ano

IMAGEM: CRISTIANO RAFAEL CRISS / INSTAGRAM BAIANASYSTEM

lapeando a multidão. Russo Passapusso grita “paz” e “amor”, códigos que o vocalista, sagazmente, joga para aliviar as tensões enquanto canta verdades. É preciso, porque bater de frente com a mão armada do Estado é pedir para se arrebentar. Ou sai do meio ou eles metem cassetada. Levamos algumas cutucadas da PM. “Avisa os alemão que eu tô bem, né”, mete Vandal.

O navio pirata começa a se despedir. Passapusso chama atenção para o prédio que está ao nosso lado, naquela espécie de epicentro de Campo Grande. O prédio atualmente é a ocupação Carlos Marighella. No término desta experiência, a sensação é de limpeza. Do corpo. Pé no chão. A experiência de seguir este navio pirata é a de uma procissão sem catolicismo com o intuito de preparar para uma guerra: a de abrir os olhos, acordar e partir pra cima da vida.

Em entrevista à Carta Capital, o vocalista diz: “Por via das histórias musicais, fui colocado em cima de um trio. Eu não consigo me compreender como puxador de nada. Para mim, puxar não é a ideia. Você tem que libertar e não escravizar dentro dessa coisa de puxador”. Nesta entrevista, ele se define como “olhos de índio, pele negra, barba de árabe, sobrenome europeu.” É interessante pensarmos que a sua auto-definição poderia ser a da banda.

O movimento do BaianaSystem é o de tensionar. Dificilmente colocados em uma caixinha de fácil nomeação e, neste sentido, Frantz Fanon, em “Os Condenados da Terra”, soltou o papo reto: “O mundo colonial é um mundo compartimentado”. Aqueles que buscam domar precisam de etiquetas. E BaianaSystem vem para dizer que não é possível. Num movimento contra-colonial - nas letras e na performance - eles abraçam a tradição no mesmo ímpeto que a repele, sambando. Parafraseando o filósofo caribenho Édouard Glissant, o que vem da tradição compõe a Relação; o que a abandona e a refuta, funda um outro pleno sentido da Relação.

Este movimento de contradizer e comportar, de se relacionar e criar fios infindáveis com o ontem e o hoje, sem estacionar em nenhum pólo, é o que mobiliza o BaianaSystem. O fazer da banda é relacional. Relacionam-se, nela, afro-futurismo, tradição dos cantadores dos interiores do Nordeste, samba de roda, reggae, pagodão baiano e outros ritmos latinoamericanos: um baião-de-muitos.

Entrevistas como “Chamada Cae-

FOTO: DIVULGAÇÃO



BaianaSystem une dub, reggae, ragga, samba-reggae e música popular: a arte está na mistura dos alquimistas

tano Veloso & Russo Passapusso”, no *Mídia Ninja*, ou “BaianaSystem e Tom Ze”, no *Conversa com Bial*, mostram que os músicos da banda têm muita segurança quanto ao projeto artístico que conseguem montar, como uma colcha de retalho de contatos culturais. O Navio Pirata ainda saúda duas das criações de Dodô e Osmar: a guitarra baiana e o trio elétrico. BaianaSystem surge da união entre guitarra baiana e sound system - os famigerados paredões.

O *sound system* é fundamental para a cultura popular jamaicana, lugar das batalhas e rimas que os rádios não acolheram. Nas quebradas de Kingston, os sistemas de som estariam prestes a absorver em seus amplificadores toda uma cultura caribenha e rastafari, estimulando o surgimento de grandes músicos e bandas locais. Dali atravessariam os anos influenciando diversos estilos

musicais, chegando até um navio pirata preto aticando um mar de gente inquietada, pipocando no coração da Bahia.

No dia 12 de fevereiro, passando pela praça poeta Castro Alves, as quebradas de Kingston, da década de 1950, se fundiram ao circuito de Salvador de 2024. Talvez o navio pirata seja um portal do tempo. Vá saber. Lá seguíamos, neste momento de fusão de gêneros musicais, pedaços da multidão no mar de gente. Uma coisa só.

Um agradecimento especial a Vanessa Bastos, nossa guia baiana, que nos conduziu pelos mares deste navio pirata.

Bruno Ribeiro é escritor, tradutor e roteirista. Mestre em Escrita Criativa pela Universidad de Tres de Febrero, é autor de, entre outros, 'Porco de Raça' (Darkside, 2021) e 'Era Apenas um Presente Para o Meu Irmão' (Todavia, 2023). Recebeu os prêmios Brasil em Prosa, Machado DarkSide, Todavia de Não-ficção e foi finalista do Prêmio Jabuti.

Mylena Queiroz é professora de literatura na Universidade Estadual do Ceará (UECE). É mestra e doutora em Literatura e Interculturalidade pelo Programa de Pós-Graduação da UEPB. Foi três vezes bolsista DAAD e já palestrou sobre literatura brasileira e contra-colonialidade como convidada internacional em locais como Universidade de Frankfurt e Universidade de Zwickau.

Oximoros e metáforas

Clemente Rosas

Especial para o *Correio das Artes*

Devo começar por uma questão acessória: por que optei pela forma paroxítona do primeiro conceito aqui abordado, quando tantos escritores – entre eles, Arnaldo Jabor, antigo companheiro da UNE e do CPC (Centro Popular de Cultura) – adotam a alternativa proparoxítona *oxímoro*? Simplesmente porque os dicionários assim a registram, apresentando também, como variante, a palavra *oxímóron*, em que a dúvida se dissipa, em razão do acento agudo exigido pela terminação em N das paroxítonas.

Oximoros e metáforas são tropos oratórios, recursos de retórica que enriquecem e dão brilho aos textos literários, mas devem ser usados com parcimônia e bom gosto. Os primeiros correspondem a expressões de paradoxos que podem, no entanto, criar uma nova e inspirada conotação para o leitor. Alguns exemplos: *cegueira luminosa*, *silêncio eloquente*, *ilustre*

desconhecido. As metáforas têm concepção mais simples, são imagens que guardam semelhança ou conexões com as palavras referidas: *a luz da inteligência*, *a estrada da vida*, *o ocaso da existência...* Quem não as aprecia?

No entanto, cumpre-nos lançar mão de tais recursos moderadamente, fugindo à tentação obsessiva da novidade, ou da originalidade. Alguns exemplos de opções infelizes nos dois campos: *pedra exasperada*, *dia inescalável*, *poeira de sol*, *ar suspenso*, *largo sono acordado*, *grandezas do ínfimo*, *biografia do orvalho*, *profundidade sobre nada*. Para surpresa dos meus leitores, informo que as cinco primeiras expressões – quatro metáforas e um oxímoro – encontram-se em livro de Clarice Lispector (*A Maçã no Escuro*), e as três últimas – oximoros – em citações de um poeta mato-grossense muito “badalado” nos tempos atuais: Manoel de Barros.

Em respaldo à minha visão crítica sobre essas sendas tortuosas por onde parece caminhar agora a literatura, tenho pelo menos o parecer de alguém de respeito inquestionável: Jorge Luís Borges. Afirma ele, resumidamente: “Quando eu era um rapaz, andava sempre à caça de novas metáforas. Depois descobri que as metáforas realmente boas são sempre as mesmas... Porque elas correspondem a algo de essencial... Acho que isso é melhor do que a ideia de chocar as pessoas encontrando conexões entre coisas que nunca tinham sido conectadas antes... de modo que tudo vira uma espécie de malabarismo”.

Devo observar ainda que oximoros e metáforas inusitadas contribuem fortemente para a obscuridade dos escritos. Se admitimos que a clareza é a cortesia do pensador, como postulava Ortega y Gasset, só posso concluir que estamos enfrentando uma legião de pensadores grosseiros como nunca se viu antes. Mas há quem ache que, quanto mais obscuro o texto, mais profundo e consistente deve ser. E a maior diatribe contra tal entendimento fui encontrar em uma ficcionista moderna, Márcia Denser: “Para os leigos, as garotas bonitas e os novos ricos, quanto menos se entende,



FOTO: EDITORA ROCCO/DIVULGAÇÃO

Clarice Lispector, autora de 'A Maçã no Escuro': quatro metáforas e um oxímoro

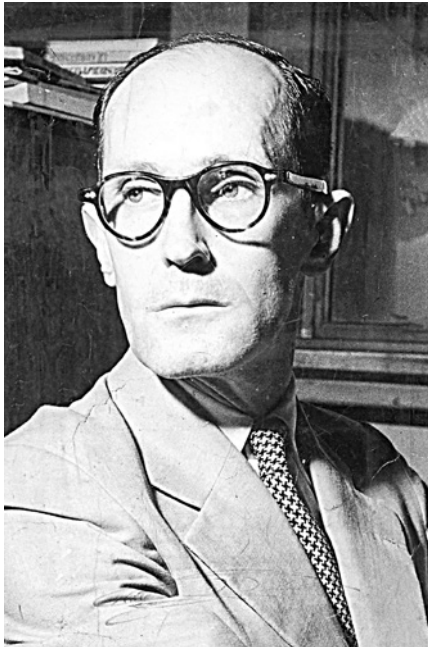


FOTO: WIKIPÉDIA / REPRODUÇÃO

'Exorcismo', de Drummond: valendo-se da fórmula hierática de esconjurar demônios, poeta rejeita expressões esotéricas

mais a coisa deve ser boa".

Há, contudo, suporte para a minha modesta opinião em gente mais abalizada. Evaldo Cabral de Melo, o renomado historiador, afirmou desencantado, já faz algum tempo, nas páginas amarelas da Revista Veja, que objetividade no Brasil era considerada coisa de comerciante. José Guilherme Merquior, ao criticar professores de literatura que priorizam complicadas categorias de análise dos textos à própria leitura das obras, concebeu a irônica categoria dos *hermeneutas-apedeutas*. E Carlos Drummond de Andrade, nosso grande poeta, no poema 'Exorcismo', valendo-se da fórmula hierática de esconjurar demônios – *Liberanos, domine* – rejeita as expressões esotéricas *semema, lexema, sintagma, sistemas semiológicos, ortolinguagem etc*, bem como seus criadores Barthes, Derrida, Lacan e outros. Ao que me permito acrescentar duas outras expressões, despidiendas por não nos trazer nenhuma inovação conceitual, mas quase compulsivas em textos de crítica literária: *diegese* (enredo, narrativa) e *eu lírico* (uma especiosa subcategoria do EU freudiano, talvez).

Em meus artigos e ensaios publicados em jornal, quando era exigida uma qualificação do autor, sempre preferi o rótulo de crítico de ideias, ou ensaísta, pois a crítica literária acadêmica, *stricto sensu*, parece ter enveredado, com seus neologismos, num túnel obscuro, no afã de conceber categorias explicativas para

textos igualmente obscuros.

Tomemos o exemplo da poesia. Depois que os balizamentos da métrica e da rima foram considerados dispensáveis, o que é aceitável, temos uma plethora de poetas, publicando ferozmente livros que quase ninguém lê. E a fórmula é sempre o abuso dos recursos acima citados, que seus poucos leitores, tímidos de espírito, fingem apreciar. Por isso, Manoel Bandeira, quando procurado por algum neófito do ramo para opinar sobre os seus poemas, exigia que lhe apresentasse primeiro alguma coisa rimada, para avaliar se o abandono das regras poéticas era opção consciente ou simples laxismo.

Hildeberto Barbosa Filho, paraibano de renome como crítico – e como poeta – chegou a afirmar que “odia-

va poesia”, referindo-se, é claro, às frioleiras que se apresentavam como tal. E mais recentemente, observou que “a poesia anda vasqueira”. Segundo ele, há os “herméticos”, há os “inventivos”, há os do tipo “água e açúcar”, mas “a poesia não é um terreiro de bêbados e desocupados, um mutirão de alérgicos ensandecidos...”

Enfim, e para não dar a impressão de que assumo uma posição conservadora nessa matéria, recorro a exemplos de poemas em versos soltos, sem rima nem métrica, de grande valor estético. O poema de Manoel Bandeira, 'Momento num café', é um deles, que me dispense de transcrever por ser bastante conhecido. Transcrevo apenas dois poemas curtos de companheiros meus, do grupo que ficou conhecido na Paraíba como Geração 59:

Orley Mesquita

*Não sei que dia é este
A tarde, felizmente, não tem nome
Olho da janela para um mar distante
E escondem-se os navios*

*Alto, num céu quase impossível
O silêncio das nuvens antecipa a noite
Minha única pátria*

João Ramiro Melo

*Uma janela aberta na manhã
E a paisagem límpida
Janela-fonte: de mulher ou de flores
(Pois que toda janela aberta é uma fonte)*

*Quer seja aberta para a vida
Ou seja aberta para a morte
Ou simplesmente:
Uma janela aberta na manhã
Com uma mulher nos braços.*

É isso aí, senhores. Na linha do exorcismo de Drummond, esconjuremos os duvidosos recursos dos oximoros inadequados e das metáforas absurdas, em benefício da limpidez e da efetividade dos nossos recados, sejam eles puramente literários, filosóficos, científicos ou poéticos.

Clemente Rosas Ribeiro integrou o grupo de poetas conhecido como “Geração 59”. Publicou ‘Praia do Flamengo, 132’, ‘Coco de roda’, ‘Administração & Planejamento’, ‘Lira dos Anos Dourados’ e ‘Sonata de Outono’. Mora em Praia Formosa, Cabedelo (PB).



Amador Ribeiro Neto

amador.ribeiro17@gmail.com



festas semióticas

Abraão Vitoriano: O jovem poeta nos diz adeus

Conheci a poesia de Abraão Vitoriano quando estava selecionando poemas para a antologia *Engenho Arretado, Poesia Paraibana do Século 21*, publicada pela Editora Patuá, de São Paulo, em 2022. Seus quatro poemas que constam do volume foram escolhidos entre os 4.223 recebidos pela chamada.

Não tive a felicidade de conhecer Abraão pessoalmente. Falamos várias vezes por e-mail e WhatsApp e um contato afetuoso logo se estabeleceu. Ficamos de nos ver e conversar no lançamento do *Engenho...* Quando discutia com os poetas antologados a data do lançamento, ele me confidenciou que só não poderia numa das opções. Infelizmente foi a mais votada.

No dia 7 de janeiro de 2024 Abraão Vitoriano enforcou-se em seu quarto na cidade em que nasceu e vivia, Santa Helena, Sertão paraibano. Tinha 35 anos. Era professor do Sistema Municipal de Ensino de Cajazeiras (PB), da Faculdade São Francisco da Paraíba e Supervisor Escolar do Sistema Municipal de Ensino de São João do Rio do Peixe (PB). Formado em Pedagogia e Letras, Mestre em Educação e em Letras. Deixou os livros de poemas *Pétalas Raras* (Motográfica, 2013), *Estado de Graça* (Penalux, 2014) e *Cidadezinha Qualquer* (Gamma, 2018).

Sua poesia concisa é a marca de um poeta que conhece o delicado ofício do fazer poético. Ela reflete o domínio do trocadilho que sabe surpreender o leitor com inteligência e alto grau de poeticidade, como exige a grande poesia, de poucos e raros.

Abraão Vitoriano:
poesia concisa é
marca de poeta que
conhece o deli-
cado ofício
do fazer
poético



FOTO: DIVULGAÇÃO

Poemas de Abraão Vitoriano:

Degredo

eu isca
tu anzol
faltou nó

Em 'Degredo' bastam meia dúzia de palavras para que se desenhe um poema com alta carga dramática pelo uso da ironia que, paradoxalmente, abre as asas para a irrisão. Recurso de um poeta que conhece profundamente os entremeios da linguagem e seus poderes de persuasão poética.

Oficina a dois

minha língua
no teu céu
mel

Em 'Oficina a dois' o erotismo desenha-se desde o título, numa aprendizagem ou cons(c)erto, donde a dubiedade, recurso fundante e fundamental de todo poema, banha o poema em delícias da rima adocicadamente sensual.

Apoteose

prefiro a fome
dos apaixonados
ainda que finde em dor
melhor que esse verso
já molhado
de amor

'Apoteose', uma vez mais, joga com a antítese, e novamente, sem fraturar e explicitar o sentimento do amor – que, note-se, é apresentado na essência, sem adjetivação – em oposição ao "verso molhado", quer seja, à expressão subjetiva exaltada desse sentimento.

Norma minha

gritos
só no cio

'Norma minha' é outro poema de elogio à contenção sob a forma de concisão. O título ambíguo, que tanto abarca o nome da amada como um simples substantivo comum, abre para duas posturas no sexo: uma diri-

gida como etiqueta à amada e outra como norma de comportamento do eu lírico diante da vida. Um poema erótico bem-humorado e com seis palavras – incluindo o título – é mesmo qualidade de um poeta que conhece muito bem o raro trabalho da "poiésis". Pena ter nos dado adeus tão cedo. A partir de agora, sua obra é arte e vida para cada um e uma de nós.

Para o poeta Abraão Vitoriano, fiz o poema 'O poeta se partiu', que transcrevo a seguir:

O poeta se partiu

o poeta enforcou-se na tarde deste domingo quente
abafado
mal respirável
sertanejo
com o nó górdio
da mesmíssima corda
que tange os bois
e seus
mugidos melancólicos
no fim da tarde

o poeta não enxergava mais
horizontes
entre
as páginas de seus livros
nem
nas
folhas abertas
da janela de seu quarto

deitava-se na imensa cama
e chorava seco
como é seco o sertão
nestes tempos sem vento
sem uma asa de pássaro nas árvores intactas
árvores sem folhas
árvores só espetos dos galhos
furando a solidão
e
a dificuldade de ar do poeta
que
respirava fraco pra
não ferir o manto pesado
das horas
massa de cimento concretando
cada passo seu dentro da casa
arrastando-o-mandacaru-dos-pensamentos-
que-se-acumulam-ombro-acima
crescem | espinhos | desde | o | chão
vêm em
talhes de golpes secos

fecham a menor fresta de sua respiração
se rebocam até o teto da casa
descem dos ondes escuros da noite
súbitos dos cem sóis
em manhãs latejando
DESPREZOSES PEROS

o ar rarefeito do seu quarto abafado
por dias e dias e dias de incompreensão
verte em penumbra quatro paredes um teto um chão
uma caixa preta
parco e chumboso ar
sepulta cada vão e vão e
vão da janela morta
breu negrume sem destino ou distinção
peste praga e o peito do poeta
a lepra da dor dilacera estraçalha destroça

teu cor
po jovem e angustiado grande po
eta universal interior interiorano
teu pavor solitário
de ti
con
tigo mesmo po
eta quem ex
plica

nem tu
nem ninguém
há
havia de saber
e nunca
haverá
que eu sei
que teu povo sabe

uma dor um desespero um abismo um exílio um lu-
gar nenhum um falta tudo uma imensidão de nada um
sem sentidos pleno e absoluto nonadas
até que
rápido
súbito
nesta parede de pedras
zapt!
olha!
uma fresta
uma fenda
uma frincha

tu
te
enfias
vai
te
retorcendo
segue
a
réstia
do
vão
vai
te
forçando
cabendo
aos
poucos
suando
lento
devagar
pouco
a
pouco
primeiro
a
cabeça
ombros
o
tórax
um
braço
outro

o
corpo
estirado
o
vão
pre
en
chi
do
por
teu
cor
po
e
agora

a
corda



Amador Ribeiro Neto, é poeta, crítico literário e professor titular aposentado da
Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB)

'No Cais em que Espero':

Haicais, minimalismos e porta'habilidade

Johniere Alves Ribeiro

Especial para o *Correio das Artes*

O cais é uma ecologia múltipla. Gosto disto. São mil, os cais. Palavra que já declara sua pluralidade signica.

No fora de nós há milhares de cais, isto é certo. Todavia, dentro de cada um de nós os cais pululam.

Por isso, vejo o cais com uma topografia que exclui decalques. De modo que não há como seguir rastros, que por ventura conduzam a outros rastros, não só porque o cais desemboca seu encontro direto no mar, direto no rio. Mas por compreendido aqui como uma cartografia, não como um mero mapa. Entendo o cais como uma espacialidade complexa alicerçada em sobreposições de signos, compromissados com o ritmo fabril da linguagem. Há no cais acebolamentos semióticos, que o constitui como uma ambiência demarcada pela heterogeneidade.

Entrada por cima das águas, modulada, muitas vezes, por estacas fincadas da borda ao fundo, o cais é um local: de urgências, de trocas, do partir, do regressar, da solidão, do estar junto, do carregar, do descarregar... Pena não ter agora uma palavra de terceira via, que rompa com esses elementos dicotômicos. De modo que pudesse ofertar ao cais um terceiro, outra via. Porém, creio que posso amenizar essas polaridades com a ideia de que o cais é alquímico e pode recompor - noutros movimentos - todas essas dicotomias. É certo que tal alquimia, inquilina proeminente do cais, tem em si o poder de negar uma composição única, invencionada em commodities linkadas a homogeneidades.

Em paralelo, a água segue junto ao cais, aos caminhos que convergem entre si. E daí é que emergem a alquimia: do cais; das navegações; dos destinos; das comunicações; dos interditos; ... de tudo que dali faz emergir as temporalidades de um acebolamento amalgamado e que se convencionou chamar de processo civilizador da existência humana.

Presentificada no cais, a alquimia simboliza agenciamentos, nela: 1) trânsito; 2) plataforma; 23) porto; 67) barcas e navios; 100) atracadouro; 110) armazéns; 205) píeres; 456) pescadores; 575) tripulações completas; 674) mercadorias; 723) pedras; 967) ancoradouros; 1001) embarcadouro... Tudo hibridizado.

No Cais em que Espero, primeiro livro de Félix de Araújo Filho, coaduna em versos todos esses aspectos. Atrai para o construto dos haicais os extratos imagéticos acima assinalados. O livro é dividido em oito capítulos, seguindo a composição daqueles poemas curtos de origem orientais. Os haicais tem com fundamentos três versos, com métrica de 5, 7 e 5 que marcam respectivamente a estrutura do poema que contém apenas uma estrofe. Mais do que em outras modalidades poéticas o poeta precisa ter apuramento no poder de síntese. Araújo Filho abre o seu livro com a primeira parte nomeada de 'No cais em que espero', título da obra:

*Assim, o mundo é
estranha porta entreaberta
ao corvo ao canário.*

Esperar em um cais é estar diante de uma "estranha porta", que se parece sempre "entreaberta", mas sempre porta. Indicação do ir e vir. Intermediada por ela, o poeta nos oferta a chave ambígua de uma passagem que não há, ainda que em um cais. Talvez isso se dê pelo o que "evém" sem vir, mas em um *devoir* composicional em *ritornelo*, segundo pensam Deleuze Guattari. Uma locução que força a energia da espera. Ou compreender esta "estranha porta" levando em conta o axioma de Nietzsche, no que diz respeito a ideia do eterno retorno. Entendê-la na possibilidade que cada pessoa experimentará novamente na vida, como consequência da diminuição da energia do universo, que em sua dinâmica, bem com periodicidade das confluências que esse mesmo universo pode causar. Isso porque, de alguma forma, o cais é o modelo da condição trágica do que é ser o humano, visto que a existência deste humano é repleta de dor, de sofrimento, de liberdade e de aprisionamento. Para Nietzsche tudo isso poderia emergir de forma cíclica, o seria um veredito catastrófico.

Diante desta hipótese, para o filósofo alemão, é necessário emitir uma

clara separação entre a vida composta de fracassos e a vida experienciada na intensidade e na grandiloquência. E que, de alguma forma, mereça realmente ser vivida. Com esse postulado, torna-se inexorável que o humano treine a ponderação no tocante a sua ética interna e seu *modus operandi* ante a vida.

Dessa forma, a estranha porta no cais em que espero não há escancaramentos. Oferta apenas brechas, que sinalizam zonas de fugas em restrição, em meio a imensidão do mundo. Nesse haicai, transcrito acima, ainda percebo a mistura de uma dicção da poética de Drummond como goles rápidos de Augusto dos Anjos, formando uma espécie de antítese no uso das palavras “corvo” e “canário”.

Assim, sob o “espectro do corvo” o tom melancólico, a dor do peso do mundo, da interdição do homem ante o próprio mundo, sua máquina e engrenagens, tornam-se mistérios de acinzentamentos. Formando filetes que remetem às realidades vivenciadas pelos moribundos em sua agonia, malhada no desespero da solidão de quem é condenado pelo júri incauto da espera, que nos fixa, nos aprisiona e nos recolhe a vital capacidade humana do ir.

Em contraposição ao corvo, ave de mau-agouro para o senso comum, o poeta evoca ainda a imagem do canário. A mesma imprime uma conotação de positividade. Seu canto harmonioso, canoro e eufórico alegre quem está por perto em sua audição.

Além disso, o canário é aquele que sobrevive e, mesmo aprisionado, forja para si alqueires de ar onde planta a liberdade. O canário conflui, no construto do poema, a metáfora daquele que guarda no esperar a paciência, mal-estar fulcral do sonhador.

Portanto, o canário é o agulhão psicofísico que nos cerra, tal qual as estacas que ambigualmente seguram âncoras. Contudo, conflui para si o anseio do partir, do escapar ou do simples lançar-se à deriva. Daí a acepção da semiótica do cais abrir várias falanges que ora ligam ora desligam os haicais que constituem a escrita vérsica de Félix Araújo Filho neste primeiro livro de

Félix Araújo Filho com seu primeiro livro de poemas em mãos

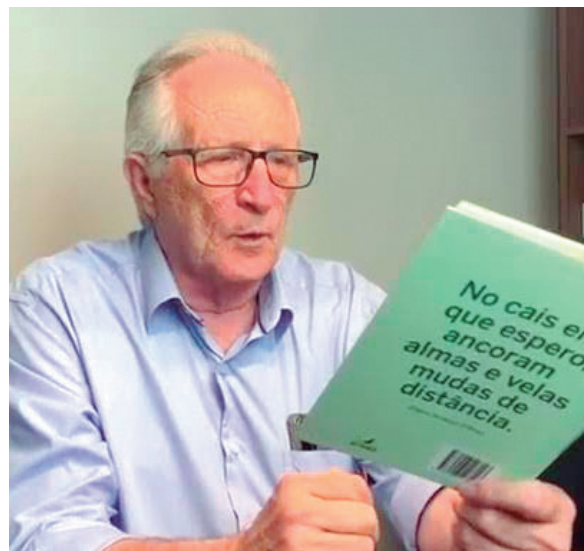


FOTO: REPRODUÇÃO/REDE SOCIAL

poema: “No cais em que espero / ancoram almas e velas / mudas de distâncias”. Araújo Filho diz muito com pouco. E esta parece uma marca indelével do poeta.

Também é certo que, na composição da escrita artística, é o poema o gênero que mais exige o crivo de síntese do seu produtor. Visto que o poeta na estrofe, no verso há “pouco espaço” disponível para se dizer algo, principalmente quando tomarmos por base a narratologia do romance, do conto ou da novela. Mas, a linguagem exige do poeta alto nível de significação como paga tributo seja ao signo seja ao significante ou ao dois. Mesmo que para isso o poeta transponha o estribo das estruturas de sustentação ligadas à própria linguagem. Assim, o poema é o “pouco dizer” agenciado no ínterim não só do linguístico, mas para além dele. E é ali, no além, que o poeta pesca sua profundidade. É o que nos apresenta os haicais de Félix Araújo Filho:

IV
*Que fazes tu noutros
braços, se só nestes meus
sabes o que dói?*

VIII
*Veneno noturno
uma serenata ao nada
Alucinação.*

XV
*Dizem... Há um céu
onde nuvens gritam, gozam,
chovem abraçadas*

Impressiona a maneira como o poeta crava seus versos na carne da alma. Eles tematizam o amor impossibilitado, o amor traído, o amor correspondido, bem como todas as formas presentes nos amores impulsionam a dor, recorrente no livro de um modo geral. Ou como as noites em claro nos lança para tomar “venenos” improváveis e ainda neles sorver algum tipo de sabor. Extrair das serenetas não só o som, mas por meio das melodias reter quaisquer modalidades de alucinação, pela adrenalina de navegar a beira do abismo e enxergar a sombra deste abismo sorrindo para si.

Daí o soltar erguer as canções para o “nada”, que também compõe os registros das nossas interfaces humanificadas nas afecções do desejo, “passagem aberta / para o seio das acácias: / colheita de versos” (LX). Desejo que é a presentificação, via de uma cotidianidade comum as “nuvens” do



céu, nos quais os olhos estão vendo a normalidade, sem nenhum tipo de revelação. Mas há no poema XV, um céu que grita, um céu com nuvens que “gozam” e que por si “chovem abraçadas” como quem chora, em uma pulsão de lágrimas e de transe. Surrealismo em versos. Ao passo que tudo pode apenas passar de um ouvi dizer.

O traço fabricacional de Félix Araújo Filho em “No cais em que espero” exige dele uma navalha apurada no corte, tal qual a dos “Peaky Blinders”, daquelas navalhas que usam no fecho da boina. Pequena, mas sempre pronta na sua função de ataque, do corte. Navalha discreta, escondida na dobradura do haicai. Haicai lâmina/boina/escrivente do poeta:

LXIII

*O abutre gigante
sobrevoa o seu repasto
domada ignorância*

LXV

*Luminoso sonhar
por não ver a terra entregue
ao tosco opressor*

LXVII

*Convicção de cobra,
sem ouvir e sem sentir,
é sórdido o bote.*

Ou ainda:

LXVIII

*A ciência das armas
resplende na escuridão
toda escuridade*

LXIX

*Quanto perigo
pelas ruas destes tempo:
há um livro à solta*

LXVI

*No braço da árvore,
um vozeiro de chamas
amazônicas*

Na boina/lâmina do poeta cortes, dobras formam esquinas para quem ler. Pelas quais valem pouco se guiar por mapas os decalques, pois o que o se faz em voga é a própria curva. O virar de esquinas sob o espelho d’água é a própria linha arqueada do cais. Parece um oxímoro o que digo. Enxergar na planície as quinas embutidas nos haicais de Félix Araújo. Já que “o passo andarilho / segue a trilha transgressora / entre o abismo e o verso”.

A lâmina e a boina que subscrevem os haicais de Félix na espera do cais múltiplo, do cais mil, do cais plural invencionam a carne viva em corte sutil. Mesmo que a boina imprima certo tom de elegância para o vestir composicional do livro. Porém, nós mesmo também inventamos nossos cais, como uma forma de recompor nossa soteriologia e, daí, erguer a nós mesmos: a salvação. Salvação, da qual não sabemos de quê ou de quem.

'No cais em que espero' me reme-

teu aos versos musicais, os de Milton Nascimento e de Ronaldo Bastos:

“Para quem quer se soltar
Invento o cais
Invento mais que a solidão me dá
[...]
Invento o amor
E sei a dor de encontrar
[...]
Invento em mim o sonhador”

Nos haicais de Félix de Araújo Filho nos grita o minimalismo, navegamos na porta’habilidade intuída nas diretrizes da imensidão do cais no qual todos estamos a esperar. Até porque - “em um mundo cada vez mais materialista (...) a literatura parece uma fortaleza contra a barbárie” já nos dizia Antoine Compagnon (2010, p.26). Nesse sentido, os versos de Araújo Filho, sem dúvida é aquela boina/lâmina/Peaky Blinders, que promovem cortes finos, mas profundos.



ILUSTRAÇÃO: TOMIO

Johniere Alves Ribeiro é Doutor e Mestre em Literatura e Interculturalidade - UEPB.(Linha de Pesquisa de interesse: Literatura Comparada e Intermedialidade). Licenciatura Plena em Letras - UFCG. Estuda assunto associados às literaturas nordestinas e seus gêneros. Escreve Artigos/Ensaios sobre literatura nordestina/brasileira/internacionais. É poeta com livros publicados.



Analice Pereira

marianalice@hotmail.com



clarisser

Terra para o pé, firmeza

(da série qualquer maneira
de amor vale um conto)

Bebeto nasceu na zona rural de uma pequena cidade do Sertão paraibano. Desde moleque observava que havia muita terra desocupada e muita gente sem terra. A sua família, por exemplo, trabalhava em terras alheias. Dizia-se que eram “moradores” porque moravam numa propriedade de algum fulano, para quem trabalhavam e eram duramente explorados. Ouvia sempre de seus pais que quem tem poder é quem manda e quem não tem, é melhor que adquira juízo e obediência. Mas de qual poder estariam falando?

Essa questão perseguiu Bebeto durante toda sua infância e adolescência. Como comumente ocorre com pessoas nessa idade, cuja energia nasce do fervor hormonal, era um rebelde questionador. “Esse menino não se conforma com o que tem”. É porque de fato, não tinha nada para ser um conformado. Aliás, ter até que tinha, pois todo mundo tem alguma coisa, nem que seja a sua própria vontade e uma utopia.

De uma família de 14 filhos, foi o escolhido para estudar na capital. Saiu de casa rapaz moço para fazer a faculdade de Economia, abandonada no meio do caminho porque aquilo não o auxiliava muito em seus princípios utópicos. Ainda assim, leu os livros que explicavam aquela condição social em que vivia, estabelecida secularmente. Como se não tivesse outra saída, entendeu que o poder de que falavam seus pais era poder do dinheiro.

As ladainhas rezadas por sua mãe durante os meses de maio, nas cercanias do sítio onde moravam, significavam apenas, e nada mais, um caminho que pudesse colocar a família numa zona de conformação. “Ter juízo e obedecer”

**“Ter juízo e obedecer”
era o lema da casa. Obedecer ao patrão e à Deus, pois um significava o outro reciprocamente**



FOTO: DIVULGAÇÃO

Caetano Veloso na companhia de Ivan Sacerdote (E), com quem lançou um álbum em janeiro de 2020

era o lema da casa. Obedecer ao patrão e à Deus, pois um significava o outro reciprocamente. Ter juízo equivalia a ter medo e vice-versa. Seu ateísmo combatia o medo. E seu “juízo acertado”, como costumava falar, somava-se a uma gana que não sabia definir direito ainda de que era.

Já adulto, militante do movimento dos Sem Terra no MST, voltou para um sítio, não mais aquele da sua infância, nem no sertão. Agora era terra fértil do brejo, de chuvas abundantes e de riqueza. Fez do lajedo próximo de sua casa um lugar para onde ia remoer seus pensamentos, petrificados tal qual o chão em que se assentava. Dali avistava o sol se pondo e imaginava o seu presente a partir de um passado que lhe perseguia feito sombra sob o sol do meio-dia, no meio do céu. Nessa ideia de tempo, a partir do movimento do sol que nasce todo dia, permanentemente, e de cada vez diferente, dialético e ambivalente, realizou a sua revolução na vida do trabalho: *terra para o pé, firmeza!* Cantarolava. Já na vida amorosa... liquefeito à *flor do Chico: tudo é perda, tudo quer buscar, cadê...*

Paula era a menina que gostava de literatura e de filosofia, e que fazia, da atividade de costurar, não só o seu ganha pão, mas um meio de materializar estilos pessoais como algo mais complexo e íntimo, como se a roupa, ao mesmo tempo, ocultasse e revelasse o ser e o estar, tornando penetrante a vista de quem vê alguém pela roupa que veste.

A admiração de Bebeto por Paula a divinizava e, assim, ia consubstanciando o amor por uma santa, contrariando, na forma e no conteúdo, a própria ideia de amor que cultivava em seu coração vagabundo e revolucionário. Um amor que não saciava a sua fome de percebê-la plena. Era tudo muito divino para ser humano, ou, por isso mesmo, humano.

Sentia-se um Bentinho neurótico e enredado em imaginações fúteis e ridículas. Não se resolvia no quesito ciúme, *o estrume do amor*, para citar Caetano, voz predominante na trilha sonora de sua vida cotidiana. Sentia asco só em lembrar do poeta espanhol com quem Paula viveu uma história de poliamor.

Paula e Bebeto se amaram intensamente. Na cabeça de Bebeto. Buscavam a verdade daquele amor que lhes cobria. Na cabeça de Bebeto. Para Paula, era um descompasso gigante que dava lugar a cobranças estruturais dos relacionamentos heteronormativos. Perderam-se na sombra do ciúme.

Paula se fez palavras que a traduziam bem: leite derramado, gota d’água, pedra no caminho. Fez-se carta em que reclamava daqueles

papos verborrágicos que os consumiam e que, por algum tempo, pareciam até afrodisíaco, mas, no fundo, não acrescentavam nada. Despedia-se citando a voz que melhor ressoava o seu *oculto mistério* naquele instante: *e eu sou só, eu só, eu só, eu*.

Partiu deixando Bebeto como se deixa na parede o prego que sustentou o quadro retirado no momento de uma mudança de casa, para a qual se sabe que nunca mais voltará, em cuja rua não mais passará, cujo bairro foi riscado do mapa.

Agora Bebeto ri de nervoso, pelo simples ato mecânico de rir, relendo pela enésima vez a carta de Paula, enquanto escuta, na voz de Caetano, como se *ferido justo na garganta*, e aninhado na elegância melancólica do clarinete de Ivan Sacerdote, *sobre toda estrada, sobre toda sala / paira, monstruosa, a sombra do ciúme*.

Analice Pereira, é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB). Escreve sobre literatura e, vez ou outra, aventura-se pela ficção.

Mora em João Pessoa (PB).

A literatura que se nutre do real

Ronaldo Cagiano

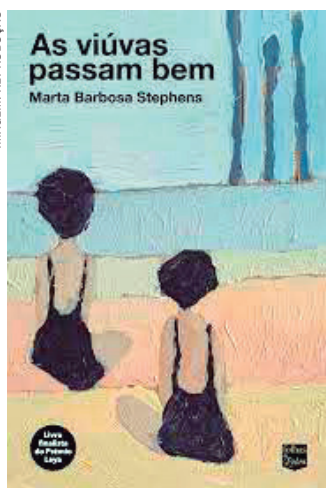
Especial para o *Correio das Artes*

Finalista do Prêmio LeYa 2021, *As Viúvas Passam Bem* (Ed. Folhas de Relva, SP, 2023), de Marta Barbosa Stephens, escritora, jornalista e crítica pernambucana radicada em Londres, é um romance cuja circularidade envolve cenários e acontecimentos ligados às mazelas, rivalidades e confrontos que delineiam existências marcadas por picuinhas e entreveros entre duas mulheres, cuja viuvez nasce de circunstâncias insólitas.

Romance admirável e com ecos clariceanos, como assinala o premiado escritor Hugo Almeida, traz personagens que se arrastam, alimentando por anos uma estranha e solitária vingança a partir da morte de dois vizinhos, seus maridos (tombados num bizarro duelo), cujas vidas são desveladas a partir de uma panóplia de acontecimentos, em que o inusitado tantas vezes é fronteiro do surreal e do burlesco.

Marta trabalha, com precisão estilística, os elementos que constituem a personalidade e a psicologia de Guiomar e Margarete, mulheres afetadas emocional e psicologicamente por uma desdita, além de enviesar a trama por outras nuances que conformam situações que vão surgindo e esclarecendo o quebra-cabeças de uma peça romanesca povoada de novos sentidos e sensações - a narrativa perfila-se por uma linguagem diáfana, sem rodeios, em que os detalhes mais

IMAGEM: REPRODUÇÃO



Enredo é quebra-cabeças de peça romanesca povoada de novos sentidos e sensações

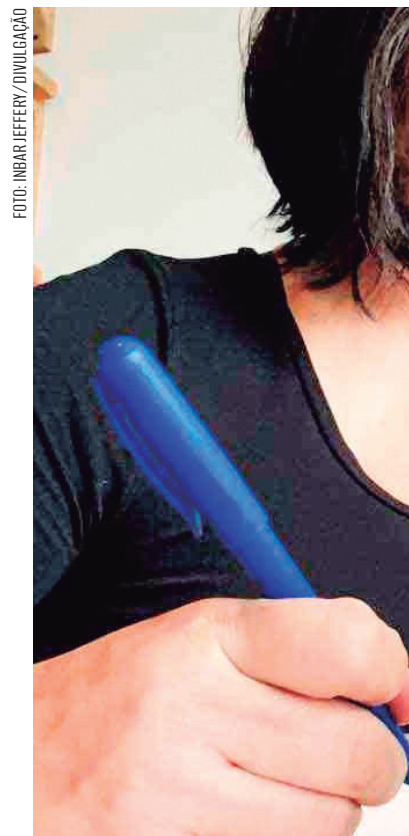


FOTO: INBAR JEFFERY/ DIVULGAÇÃO

Marta trabalha, com precisão estilística, os elementos que constituem a personalidade de Guiomar e Margarete



Pernambucana radicada em Londres, Marta Barbosa Stephens escreveu um romance admirável e com ecos clariceanos

picantes são amalgamados pela sensibilidade criativa de uma autora que maneja com segurança e recursos metafóricos os artefatos de sua arte, sinalizando o seu feeling jornalístico na exploração da trama e na prospecção dos elementos que constituem a tragédia.

O *leitmotiv* das vidas dessas protagonistas passa a ser o ódio, um sentimento que se recicla e se retroalimenta na medida em que aquele acontecimento na vida dessas vizinhas, ocorrido no corredor de um edifício residencial na Recife dos anos 1990, constitui o viés de uma incansável necessidade de justiça. Típica história que, à moda de um Nelson Rodrigues, disseca a vida como ela é; ou, ainda, na linha do que disse Cyro dos Anjos (“a literatura nutre-se do real.”) com suas idiossincrasias, picuinhas e perplexidades, vem contagiada pelo imaginário individual e o inconsciente coletivo, pois trata-se do que é atávico à própria natureza humana. No entanto, a novela enxerta outros detalhes e personagem que se agregam como elementos subsidiários, transplantando ao drama outros contornos, com relações adjacentes e atalhos afetivos, trazendo algum ponto de viragem.

Como diz o narrador “odiar uma à outra foi a saída natural.

De alguma forma, o remoer da dor manteve vivo um desejo de vingança que nunca seria saciado. Era ritualístico para elas” e esse percurso de infelicidade acabou não se traduzindo numa sequência natural

e deletéria de justicamento, como acontece culturalmente pelo interior em famílias atormentadas por dissidências, passivos e contenciosos desse tipo, pois aqui os descendentes, seus filhos, interromperam o que poderia ter sido uma sina natural, pois “assistiram à raiva descontrolada de suas mães com pena, apreensão, medo, angústia e tristeza, mas nunca com concordância.”

Autora de *Voo Luminoso de Alma Sonhadora* (Ed. Intermeios, SP, 2013) e *Desamores da Portuguesa* (Imã Editorial, Rio, 2019), Marta tem contos e participações em diversas antologias e nesse novo e candente romance afirma e consolida o seu vigor criativo. Como escrutinadora do seu entorno e suas vivências, e tomando emprestado lembranças de episódios que marcaram sua infância, retrabalha em clave ficcional, com perícia e verossimilhança, uma história que, na tênue fronteira entre a memória e a invenção, transitando entre o real e o onírico, reflete sobre a condição humana e os labirintos e fragilidades do ser. Nesse diapasão, sua escritura vai ao encontro que defende James Wood em seu ensaio *A Máquina da Ficção*: “A literatura faz de nós melhores observadores da vida; e permite-nos exercitar o dom da própria vida; que por sua vez nos torna mais atentos ao detalhe da literatura; que por sua vez nos torna mais atentos aos detalhes da vida”.

Trecho:

Enquanto tudo isso acontecia a Margarete, Guiomar experimentou um reconstruir-se lento, como uma obra que nunca termina e segue alimentando-se do sonho de mais janelas. Cada dia era melhor do que o outro, mas a tristeza era imprevisível. Chegava estivesse ela na fila do supermercado ou no chuveiro, com incontáveis lágrimas.

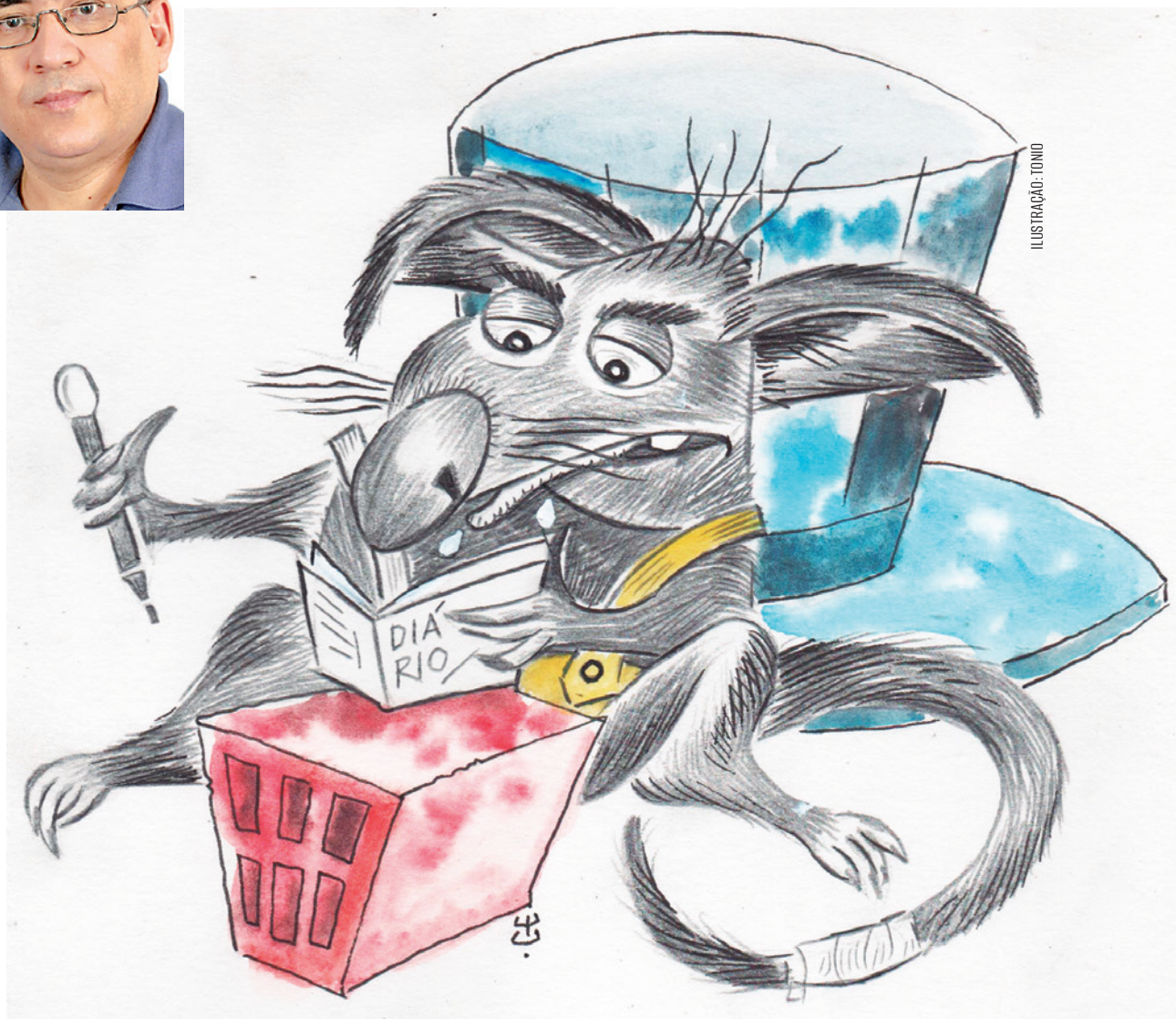
A forma de evitar o sofrimento era imaginar-se dando conselhos filosóficos, discutindo a morte e acrescentando inquestionável saber à questão do gênero, ao debate da fé, ao conhecimento do ser humano.

Ronaldo Cagiano é mineiro de Cataguases, formado em Direito, viveu em Brasília e São Paulo e está radicado em Lisboa. É autor, dentre outros, de 'Eles Não Moram Mais Aqui' (Contos, Prêmio Jabuti 2016), 'Todos os Desertos: E Depois?' (Contos, 2018), 'Cartografia do Abismo' (Poesia, 2020) e 'Horizonte de Espantos' (Contos, 2021). 'Arsenal de Vertigens' é seu novo livro, desta vez de poemas, a sair em outubro, pela editora Edições Húmus, de Portugal.



Rinaldo de Fernandes
rinaldofernandes@uol.com.br

 **cantinho do conto**



Diário de um rato

Hoje, beirando o circo, roí a roupa suada do urso. Bate uma sonolência suor de urso!

Meu rabo acordou numa almofada cheirosa. Os da casa são limpinhos, bem banhados, ela é russa, ele rosado, e nunca imaginam que, quando não topo ir com a tropa pro viaduto, pernoito no sofá deles, que também virou saco pros meus suicídios. É, quase toda noite me suicido e me deixo pregar no tampo da mesa. Tudo zombaria após escapar da sapatada, do veneno oculto na hóstia. É, o rosado é padre de muitas proezas e pilantragens, e amarra um amor danado pela russa, que, o padre viajando, se

deitou com o turco do circo. Dormiram no teto, numas tábuas abordando os trapézios. Não roí a corda delas.

Soube esperar debaixo de um tamanco – e serviram-me café na lanchonete chique. Café com talco.

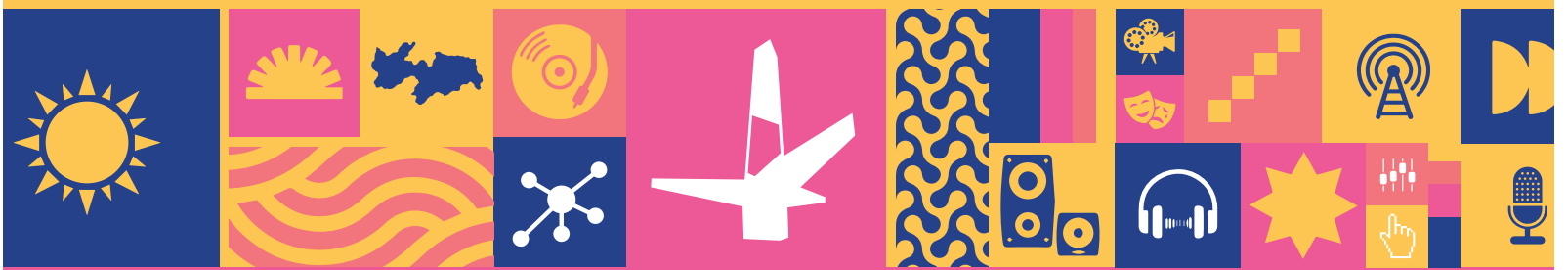
No viaduto me vestiram com um alface. Um bêbado desceu sobre mim uma quentinha inteira. Com os cabelos de macarrão, e trajando o alface, fui apavorar o leão do circo, o frouxo de unhas mais doces que já lambi. O leão só come carne com açúcar, que é pra não amargar os espectadores.

Vi uma lua cor de cerveja. Tive crise de arrotos.

Rinaldo de Fernandes é escritor, crítico de literatura e professor da Universidade Federal da Paraíba. Mora em João Pessoa (PB).

Parahyba

103.9fm



COMO VOCÊ
NUNCA
OUVIU



acesse com o qr code



A vida
acontece
com
o Sesc

A vida **acontece**
com educação,
saúde, cultura,
lazer e assistência.

Sesc
Fecomércio
Senac